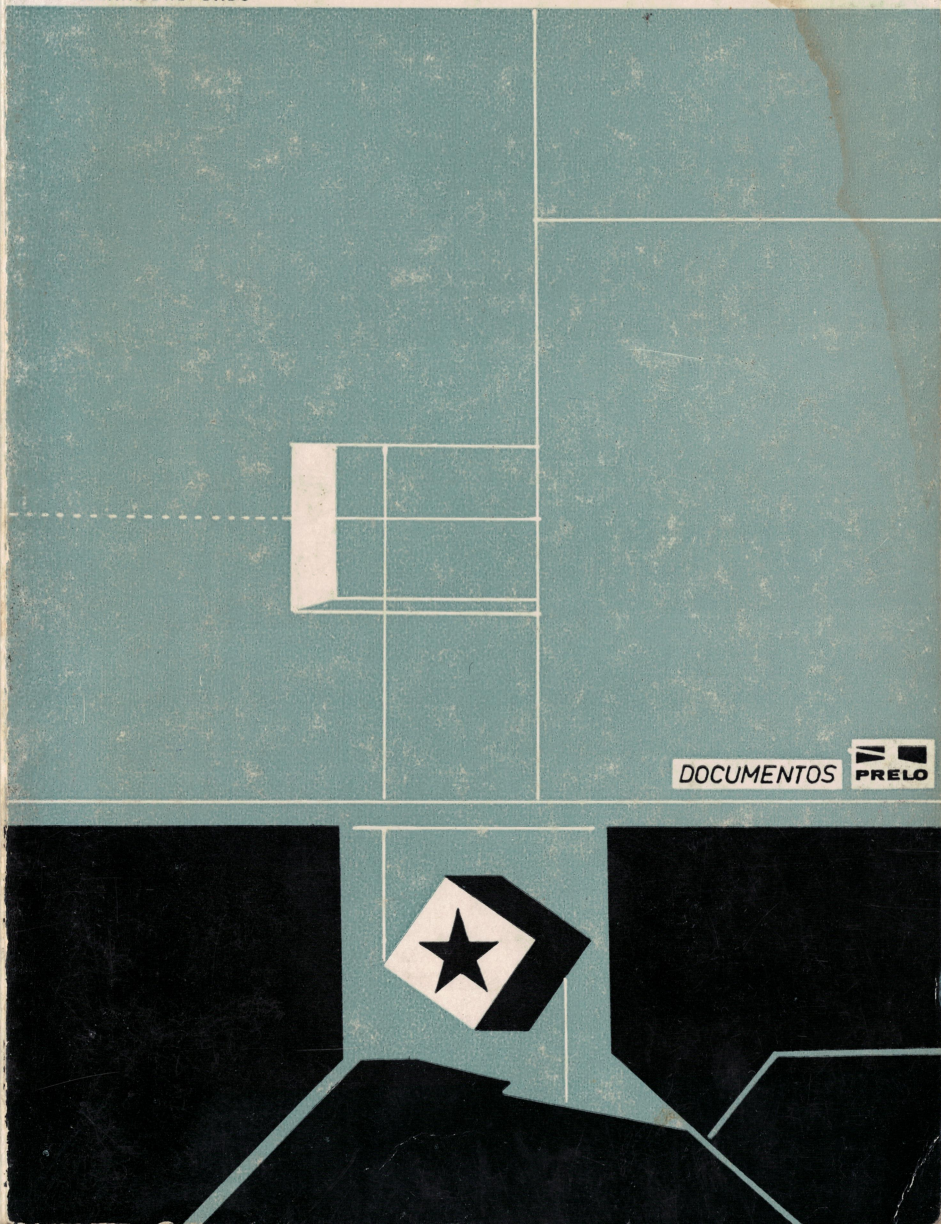
NA PÁTRIA DO SOCIALISMO

ALEXANDRE BABO



DOCUMENTOS

PRELO

Capa de *Lino António*

NA PÁTRIA DO SOCIALISMO

DO AUTOR

Teatro

«Há uma Luz que se Apaga» — 1951 — Esgotado
«Encontro» — 1955 — Esgotado
«Estrela para um Epitáfio» — 1.ª edição — Esgotado
«Estrela para um Epitáfio e Jardim Público» — Col. *Cena Actual* — 1972

Outra obras

«Autobiografia» — Contos e algumas notas — Fora do mercado
«Problemas de Teatro» — Ensaio — Esgotado
«Notas de Viagem — Londres, Paris, Halsingborg, Haia» — Crónicas — 1963
«Panait Istrati» — Antologia — Precedido de um estudo sobre o autor — 1964 — Coimbra Editora
«Sem Vento de Feição» — Contos — 1972

Traduções

«Kyra Kyralina» — Panait Istrati
«Histórias de França» — Elsa Triolet
«História da Revolução Francesa» — Albert Mathiez
«O Mundo dos Porquês» — Literatura infantil — Em colaboração com Orlando Neves

Em preparação

«A Marca dos Anos XXX»

ALEXANDRO BABO

NA PÁTRIA DO SOCIALISMO

PRELO

Lisboa 1973

DOCUMENTOS

1 — O Papel do Teatro na Sociedade Contemporânea
Vários

2 — Estes Massacres que nos vêm do Vietnam (My Lai)
Alice Nicolau

3 — A História me Absolverá
Vários

4 — Chile — Povo, Governo, Poder
Vários

5 — Pablo Neruda
— Prémio Nobel de Literatura-1971

6 — Problemas Filosóficos
Oizerman, Sève, Gedoe

7 — Governo Popular

8 — Problemas Ideológicos Contemporâneos
Bruno Frei, M. Sandros, K. Zarodov

9 — A China e as Raízes da «Sinofilia» Ocidental
Antoine Casanova, Jacques de Bonis

10 — Problemas do Socialismo não Marxista Moderno
Sommer, Dansoko, Kaufman

PRELO EDITORA, S. A. R. L.
Rua da Misericórdia, 67, 2.º-Esq. — Tel. 37 06 91 — Lisboa

INDICE

1 — Primeiras impressões de Moscovo 11

2 — A cidade. A Praça Vermelha 14

3 — Habitação e salários 19

4 — Departamento para a Europa Ocidental da União das Associações Soviéticas para a Amizade e as Relações Culturais com os países estrangeiros 26

5 — O museu da Revolução. Novodvitchi, um mosteiro do século XVI 29

6 — A Universidade de Moscovo e breves notas sobre o ensino na U. R. S. S. 33

7 — O estádio Lenine. Ginástica e desporto na U. R. S. S. As Spartakíadas 36

8 — Os casamentos 46

9 — O panorama editorial. Visita a uma grande editora do Estado. Literatura portuguesa divulgada na U. R. S. S. 49

10 — Primeiro contacto com Leninegrado. Recordação do cerco. O cemitério e memorial de Piskareveskoié 52

11 — Encontro na União dos Escritores. A situação do escritor na União Soviética 58

12 — O Hermitage. Petrodvoretz e Pushkine 66
13 — Palácio de Cultura 69
14 — Novamente a juventude. Visita a um liceu e a um Palácio de Pioneiros 70
15 — Contacto com a assistência médica 76
16 — A política das nacionalidades. O progresso da U. R. S. S. O exemplo da República Socialista Soviética da Arménia 77
17 — O regresso 83

Em Julho de 1972, o Departamento para a Europa Ocidental da União das Associações Soviéticas para a Amizade e as Relações Culturais com os países estrangeiros, da União Soviética, dirigiu um convite a seis escritores portugueses para visitarem aquele país durante vinte dias, com todas as despesas pagas a partir de Paris e regresso àquela cidade. O convite foi dirigido a Fernando Namora, Urbano Tavares Rodrigues, Alberto Ferreira, Augusto Abelaira, Óscar Lopes e a mim. Com excepção de Fernando Namora, cujo estado de saúde lhe não permitia a viagem, todos nós aceitamos o convite e requeremos a autorização exigida. Lamentàvelmente, Urbano Tavares Rodrigues e Alberto Ferreira não foram autorizados.

Nessa estadia na U. R. S. S. durante o mês de Setembro de 1972, tivemos a certeza de que a este convite outros se seguirão e que há em vários sectores da União Soviética o maior desejo do contacto cultural entre os dois países.

Da visão, embora rápida, do primeiro país socialista, escrevi para o «Jornal de Notícias» uma série de crónicas. Esta publicação assenta nessas crónicas, ampliadas com outros dados que não teriam interesse jornalístico.

ALEXANDRE BABO

Três horas e meia de voo de Paris a Moscovo. Copenhague é lá em baixo um desenho vago, os contornos do golfo de Riga e, pouco tempo depois, a voz da hospedeira anuncia a próxima aterragem. Manchas verdes sobre o chão amarelado, os rios vão-se desenhando mais claramente, ou antes, alargando-se. A aparente imobilidade do avião transforma-se agora numa velocidade impressionante. Com a diferença horária, chegámos ao fim do dia. Aproxima-se o crepúsculo, mas não há frio. Esperam-nos duas senhoras — que serão as nossas intérpretes — e um representante da União das Associações para as relações culturais com os países ocidentais, organismo que nos convidou a esta breve visita à União Soviética.

Ele fala francês correctamente, as duas senhoras português. Uma — Helena Mikaelovna Wolf — trabalha na Academia das Ciências, é linguista, vem especialmente para contactar com o Óscar Lopes que havia pedido ligações com gente da sua especialidade.

Não nos abrem as malas, apenas temos de preencher um papel com a indicação do dinheiro que levamos.

À nossa volta um grande burburinho, aquela língua totalmente desconhecida de mim e do Augusto Abelaira que, ouvida à distância, lembra o português.

Abraços, emoção bastante meridional. Os amigos beijam-se na boca — velho costume russo. Dizem-nos que é um grupo da delegação soviética às Olimpíadas que chega.

Olho em redor — toda esta gente podia ser portuguesa, muito semelhante à que se encontra na Portela ou em Pedras Rubras.

Isto é, de resto, uma constante em toda a parte — a semelhança física, sobretudo dos homens.

Terminadas as formalidades, a chegada da bagagem, entramos em dois grandes automóveis que nos levam à cidade.

Bosques de bétulas bordam a estrada pouca movimentada. Depois, os subúrbios iguais e monótonos, iguais em toda a parte. O mesmo tipo de prédios de sete e oito andares que podíamos encontrar em qualquer cidade de qualquer país — mais semelhantes talvez aos espanhóis pelo revestimento amarelado. O mal dos prédios modernos. Finalmente, Moscovo, ainda mal iluminada, com pouco trânsito até nas ruas mais centrais.

A intérprete vai-nos dizendo — mas não seria necessário — a estátua de Gorki, de Maiakovski. O Teatro

Bolchoi. A Rua Gorki — grandes estabelecimentos, alguns modernos, cafés, restaurantes, e a imagem vagamente conhecida do Kremlin. Tudo em visão rápida, cinematográfica.

E, finalmente, o hotel — o maior hotel da Rússia — informa-me a guia — «O Rússia», ou melhor, quatro grandes hotéis que formam um imenso quadrado — seis mil quartos. Um palace com o conforto, o luxo de qualquer palace em qualquer capital.

Um quarto confortável, um bom quarto de banho e um terraço enorme virado para o Moskva. Há barcos semelhantes aos do Sena, luzes que se reflectem nas águas tranquilas e, recortados sobre o céu, os minaretes duma igreja, onde sobressaem dourados e uns laivos de azul.

A frente, em letras de néon, no prédio para lá do rio, a célebre frase de Lenine (só depois me disseram, pois não entendo o alfabeto) «comunismo igual a poder aos sovietes mais electrificação».

Além da bandeira vermelha a flutuar na muralha do Kremlin e das estrelas nos topos dos grandes edifícios, nenhum outro sinal de Socialismo — nenhum slogan, nenhum grande retrato de propaganda governamental.

Este primeiro contacto com Moscovo e a União Soviética seria de uma certa estupefacção (ingénua, é claro).

Desci para um dos vários grandes restaurantes dum

hotel, dum modo geral frequentado por estrangeiros — luxo, uma orquestra, o ar requintadamente elegante.

Pensei que deveria ter tirado a camisola, vestido uma camisa, posto uma gravata. O meu vestuário não era de acordo com a atmosfera formal.

Saborear caviar, beber um vinho seco da Geórgia, debicar salmão fumado, ouvir música americana ou americanizada e dançar o «ié-ié» ou um «slow» meiguinho, era francamente agradável, mas não a ideia congeminada antes para o primeiro dia na pátria do Socialismo.

★

Só depois, tomei consciência da visão errada com que encarava esta primeira impressão.

★

Moscovo — oito milhões de habitantes, facto em que, apesar da sua realidade, dificilmente se acredita. Ao contrário da maioria das capitais europeias, não existem ali os grandes problemas de trânsito, os centros superpovoados, os engarrafamentos. O centro clássico — praças, ruas, avenidas, espaço relativamente limitado onde se concentra a actividade febril, nervosa, violenta — não encontramos. A rua Gorki? A rua Kalinine? As praças e avenidas que se alastram em torno da Praça Vermelha,

do Kremlin? Talvez, mas sem as características da Ópera, de Piccadilly, da Grã Via ou da Via Veneto. A cidade estende-se, dispersa-se, cria zonas várias mais movimentadas, mais comerciais, mas sem o aspecto febril.

O movimento de automóveis é bastante diminuto em relação à densidade populacional. Nem sombras do que se passa em Lisboa.

O fabrico em grande escala de automóveis para uso particular começa agora, segundo dizem. Mas cerca de 80 por cento dos dois milhões e seiscentos mil previstos para o próximo ano, estão já destinados aos Kolkhozeanos (1).

Parece ser política destinada a evitar a superlotação nos grandes centros urbanos. Aqui, procura-se desenvolver e aperfeiçoar os transportes colectivos, especialmente o metropolitano e as carreiras de autocarros.

O metropolitano de Moscovo é célebre em todo o Mundo pela beleza e luxo, pela grandiosidade das estações. A verdade, porém, é que o mais importante nele é a qualidade e a eficiência do serviço. Amplo, bem delineado, cómodo, rápido e de fácil acesso.

Do que disse, poderá explicar-se, em grande parte, a calma, a tranquilidade, de uma cidade com oito mi-

---

(1) O Kolkhoze é uma cooperativa agrícola.

lhões de habitantes. Mas não só. A sua própria estrutura. Cidade quase milenária, monumental, com influências profundas do Oriente.

Além dos canais, o Moskva divide a cidade em duas partes, uma envolvendo a outra, cingindo-a numa curva suave, amorosa.

E um terço desta imensa urbe com uma população superior a Paris é formada por bosques, parques e jardins, zonas verdes em benefício da população.

Mesmo para lá do Kremlin, da cidade velha, estreitamente ligada àquele, as zonas mais recentes, de uma ou duas centenas de anos, não têm muitos arranha-céus a ferir as suas características próprias.

E alguns, como o do Conselho Económico de Coordenação entre os Países de Leste, são elegantes e de uma harmonia que não destoa.

Os contrastes gritantes do mais moderno — por exemplo o monumento ao primeiro Sputnik e a torre da televisão — são uma expressão quase psicológica da cidade.

Ao desembocar, de manhã, na Praça Vermelha, senti a alegria do inesperado. Nem os bilhetes postais nem os documentários cinematográficos — quase sempre das paradas cívicas e militares — conseguem dar a imagem do real. Antes de ver a Ópera ou a Praça Vendoma ou os Campos Elísios ou Piccadilly — já os conhecia, já eram familiares. A Praça Vermelha e o Kremlin não.

É um espectáculo de cor de diversidade impressionante, de alegria. E, no entanto, um conjunto maravilhosamente harmónico. As muralhas briques do Kremlin, as silhuetas dos vários palácios e igrejas do seu interior, não intimidam, não recordam visões dramáticas. Ali imperou o despotismo, até a violência e a crueldade — de Ivan, o Grande, de Pedro I, de Catarina, até dos reflexos duma revolução que alterou profundamente todas as estruturas económicas, políticas, sociais e morais do mundo. Do lado de fora, num extremo da praça, a catedral de S. Basílio, milagre de movimento e policromia e, ao lado, o patíbulo onde foi executado Porgachov e tantas centenas ou milhares de vítimas. Mais além desenha-se o mármore avermelhado, sóbrio e impressionante, do Mausoléu de Lenine, a recordar-nos a Revolução, a guerra civil, o sofrimento e a grande luta do homem.

O dia 16 de Novembro de 1917. Ali, nas muralhas do Kremlin, centenas de homens e de mulheres abriam a imensa vala onde seriam sepultados os mortos da Revolução, ali...

Mas são ideias que vêm de nós para o que nos cerca. Não fluem imperiosamente do conjunto. Pelo contrário — beleza multicolor — uma festa. Sim, procurava lembrar mas as recordações corriam por fora como pingas de água sobre tecido impermeável.

Tom de romaria domingueira. Um ar — na multidão

— de praça maior de cidade espanhola. Ao sábado queima-se fogo de artifício e a juventude aumenta a alegria da praça.

O nome — ao contrário do que supunha — é muito anterior à revolução. E vem dum termo russo que significa bela.

Quatro dias por semana, das onze da manhã às cinco da tarde, uma fila imensa, com mais de um quilómetro, em romagem ao túmulo de Lenine.

Tudo leva a crer ter sido banido o culto da personalidade. Durante todo o tempo que estivemos na U. R. S. S. nunca vimos um retrato, um cartaz de propaganda, nada a exaltar os actuais dirigentes. Não há dúvida que o caso de Lenine é diferente e ultrapassou o campo meramente político. Não é a adoração imposta. É a veneração geral, interior, profunda — iria a dizer quase deiificação. Se é que assim nos podemos referir a este sentimento de um povo pelo teórico e primeiro edificador do socialismo.

O Kremlin, começado a construir no século XVI, pouco tem já dessa época. As muralhas e torres do século XV e XVI estendem-se por mais de dois quilómetros e meio e vão até às margens do Moskva.

Dentro do que foi considerado a primeira praça forte da Europa, erguem-se palácios e catedrais onde, desde a centralização do poder, se concentram os tesouros da Rússia, transferidos para ali.

Talvez a mais bela seja a catedral da Assunção idealizada pelo italiano Fiorovanti, no século XVI. Mas a catedral da Anunciação, a da Deposição das vestes de Cristo, a do Arcanjo Miguel — e esse magnífico palácio de Térems — são inesquecíveis.

Um dos aspectos mais evidentes da Rússia de hoje é o da valorização e defesa do seu passado histórico, dos seus monumentos, da sua arte e cultura.

Ao passar por uma rua central, a rua Gorki, com edifícios de grande beleza arquitectónica, uma das intérpretes contou-me que a rua era muito estreita e tinha sido necessário alargá-la. Não queriam, porém, demolir os edifícios. Então, por processos técnicos complicados, mantendo lá os seus moradores e até os serviços de fornecimento de água, luz e gás, foram afastando, lentamente, dia-a-dia, palmo-a-palmo, todo aquele conjunto, sem o imolar às necessidades prementes da vida moderna.

*

É impossível, numa breve estadia em Moscovo e Leninegrado, fazer uma ideia segura da União Soviética, um país com a sexta-parte do Mundo, as mais diversas etnias. Convidado a visitar também Tbliss, na Geórgia, Tachkend e Samarkande, na República do Ousbekistão, não pude acompanhar os meus amigos, por ter adoecido na velha Petesburgo.

Embora esse facto me desse a experiência do contacto com a assistência médica e me proporcionasse mais três ou quatro dias naquelas cidades, perdi uma oportunidade, talvez única, de ver o Cáucaso e a Ásia Central. E com maior mágua quanto é certo que o maior esforço de desenvolvimento se processou e processa justamente nas regiões outrora mais atrasadas — o caso de Ousbekistão.

Para um ocidental que visita a U. R. S. S., o seu natural desejo é o de contactar com as instituições de um país onde as estruturas económicas e políticas divergem dos outros países do Ocidente, e analisar os seus resultados na população, na vida quotidiana.

No fundo, procurar descobrir se são mais ou menos felizes que nós. Isto, mesmo levando em linha de conta a fragilidade de tal conceito e a dose de subjectividade que ele envolve.

Ora se nos é possível contactar com organizações e saber como se processa o ensino e a assistência, como se dá e em que latitude o acesso à cultura, como se administra um Kolkhose, etc., o contacto com as pessoas, com o homem da rua, é-nos em grande parte vedado.

Vedado, não por barreiras oficiais, mas por motivos imperiosos de outra ordem — o desconhecimento total da língua, até do seu alfabeto, a necessidade de preencher com o maior aproveitamento o pouco tempo de

que dispomos — numa autêntica maratona — e a presença quase constante dos intérpretes que são indispensáveis.

As poucas horas livres eram limitadas pelo cansaço e a dificuldade de entrar no meio ambiente.

Os intérpretes não fazem discursos políticos — realmente não falavam de política — na deles e muito menos na que a nós se referia — não pretendiam doutrinar-nos nem maravilhar-nos.

Fiquei com a impressão, não desmentida nunca, de que respondiam ao que lhes perguntava com a maior sinceridade e isenção.

Uma delas fez, por várias vezes e com o maior à-vontade, críticas a certos sectores da vida soviética.

Pretendi informar-me acerca de um problema considerado para o moscovita dos mais graves — a habitação. Problema, afinal, grave em qualquer cidade do Mundo. Em Moscovo, o mal vinha de muito longe e já o pressentíamos na leitura dos grandes escritores.

A seguir à revolução de Outubro e com a natural fuga para a cidade, tudo se deve ter agudizado. Grande número de famílias — a maioria — vivia em condições precárias, até de promiscuidade. Essa situação, que foi sendo debalada através dos anos, ainda hoje existe para uma percentagem reduzida. Num apartamento de três divisões, com um quarto de banho e uma cozinha, alojavam-se três famílias de três ou quatro pessoas cada

Ainda hoje, para uma família média, a habitação normal é de duas divisões com cozinha e banho.

Dizem as estatísticas — e várias pessoas que ouvimos — ser altíssimo o ritmo de construção embora os imperativos do clima com temperaturas de 20 e mais graus negativos durante grande parte do ano encareça extraordinàriamente o preço da construção.

Pelo sistema de abono estadual, vai-se caminhando progressivamente para a aquisição da casa própria. Como se sabe, existe a propriedade privada, embora restringida, que já pode ser transmitida por morte, mas não pode ser alugada nem vendida.

O aluguer oscila entre 4 e 10 por cento do salário auferido, incluindo o fornecimento de água, luz e gás. Atinge 15 por cento no caso de compra.

O esforço de construção é, efectivamente, formidável. Em quatro anos construíram-se na União Soviética onze milhões de habitações urbanas. A média de construção anual é de 100 milhões de metros quadrados. No actual plano quinquenal construir-se-ão perto de 600 milhões de metros quadrados, o que permitirá melhorar as condições de habitação de cerca de 60 milhões de pessoas.

No ritmo de construção parece que Moscovo vem logo a seguir a S. Paulo.

Percorremos de automóvel a cidade nas mais variadas direcções, não encontrámos um único bairro com características de miséria nem de pobreza evidente.

A percentagem do preço do aluguer em relação ao salário é a mais baixa do mundo. No entanto, parece ser uma das queixas mais comuns em Moscovo, alicerçada no facto de não ignorarem que tal questão não foi ainda resolvida por causa do astronómico orçamento de defesa, da ajuda a outros países, etc...

Outro aspecto importante para uma análise, embora ligeira, da vida soviética, é o das salários. Mas aí tudo se torna difícil para uma observação correcta. Segundo as estatísticas, o Estado dispende mensalmente, com cada habitante, (assistência, reformas, pensões, serviços públicos, etc.) 288 rublos.

Para uma comparação correcta com os salários ocidentais, tem que se saber os preços médios dos géneros, etc... Os géneros alimentícios pareceram-me bastante baratos — o vestuário caro. De qualquer forma, há índices importantes fàcilmente observáveis. O cidadão soviético — pelo menos o moscovita — tem um grande poder de compra. A situação é até singular — a procura é nìtidamente maior que a oferta.

Mas vejamos, o salário mínimo de um operário não especializado é, por mês (semana de 5 dias), entre 100 e 120 rublos. O rublo custa 30 escudos. Um professor e um médico recebe entre 150 e 260 rublos. Os escritores, os artistas, os funcionários superiores, os técnicos especializados, os cientistas, etc., auferem salários incomparàvelmente maiores.

Por razões, fàcilmente perceptíveis, depois de uma revolução assente no proletariado industrial, os mais beneficiados são os camponeses.

Estes recebem o lucro anual (uma parte) da exploração da cooperativa agrícola onde estão integrados (o kolkhose) e auferem um salário mensal que oscila entre os 90 e 100 rublos. Têm uma casa própria e uma terra que é sua, que exploram para as necessidades do seu agregado familiar. Os produtos excedentes podem vendê-los pelo preço por eles livremente fixado, em mercados de venda directa.

Claro que esta é uma forma de fixar o camponês à terra.

A diferenciação tão acentuada de salários levará forçosamente ao aparecimento de uma classe, econòmicamente mais afortunada, ia a dizer mais aburguesada, mas é claro que num sentido que não é o nosso (1).

---

(1) Estas diferenças salariais são, no entanto, perfeitamente atenuadas através dos salários indirectos. Repare-se que a verba indicada de 288 rublos mensais relativa a esses salários indirectos é uma média estatística. O que, efectivamente, se verifica é que eles funcionam como uma forma de correcção em relação às diferenças dos salários directos. Aqueles que auferem um salário têm, em compensação, um maior subsídio directo. Verificando-se o inverso em relação aos outros.

Estes podem ter automóvel, melhor conforto senão luxo, a sua «dacha», o seu barco e os seus objectos de arte.

Os outros não terão o mesmo nível de vida. No entanto, ao contrário do que observei o ano passado na Hungria, não se vê tão nítidas diferenças. Será apenas aspecto? Ignoro-o. No contacto directo com empregados subalternos, vi que não procuram gorgeta e até uma empregada do hotel a quem ia dar um rublo o recusou delicada mas firmemente.

Pedir... assisti a dois casos diferentes. Em Leninegrado, dois jovens queriam adquirir dólares, pagando mais que a cotação. E, em Moscovo, um rapazito, saudável, bem vestido e limpo, pediu-me... chwingam... Recusei, é evidente, com os maus modos que me dá a raiva contra a pastilha elástica. E não a tinha.

Vim a ter a explicação do facto. Em primeiro lugar existem lojas destinadas ao turismo, onde os produtos só podem ser adquiridos com divisas estrangeiras. Alguns desses produtos — principalmente artesanato — não aparecem nos mercados normais. Como têm dinheiro, não se importam de adquirir dólares ou marcos por valor superior ao legal, a fim de poderem adquirir alguns desses artigos.

Por outro lado, o cidadão soviético não pode sair da U. R. S. S. com uma quantia em rublos superior a um

limite fixado por lei, o que lhe dificulta grandemente as saídas.

Ainda há bem pouco tempo, os ingleses tiveram uma situação semelhante.

★

No dia seguinte à nossa chegada a Moscovo, fomos recebidos na sede do organismo que nos tinha convidado. Trata-se do Departamento para a Europa Ocidental da União das Associações Soviéticas para as Relações Culturais com os países estrangeiros.

A sede em Moscovo, na Rua Kalinine, é um antigo palácio, mandado construir por um príncipe russo. E há nele um pormenor curioso. O príncipe em questão conhecia Portugal, devia ter visto os Jerónimos, a Batalha, sei lá, e, apaixonado por Portugal, mandou construir o edifício no estilo manuelino como homenagem ao nosso país. Certamente por incompetência do arquitecto, o estilo de construção é de fraca imitação. Mas se, exteriormente, ele contrasta gritantemente com a arquitectura dos outros edifícios, interiormente é esplêndido, com grandes salões, uma sala de espectáculo, um restaurante, etc.

O sr. Koblikov recebeu-nos oficialmente num salão, acompanhado por alguns colaboradores, à maneira russa. Apesar de ser antes de almoço, com um beberete e o inevitável chá.

Deu-nos uma ideia geral do organismo que, em parte, está a seu cargo e que tem departamentos especialmente dedicados à América Latina, aos países africanos e asiáticos — a quase todo o Mundo. Objectivo — obter um melhor conhecimento entre os povos, mostrar a sociedade soviética e, em especial, estabelecer relações culturais entre a U. R. S. S. e os outros países.

Por aquele salão tinham passado grandes personalidades de todo o Mundo. Este primeiro convite foi dirigido ao Augusto Abelaira, ao Óscar Lopes, ao Fernando Namora, Urbano Tavares Rodrigues, Alberto Ferreira e a mim. Namora não pôde ir por razões de saúde, o Urbano Tavares Rodrigues e o Alberto Ferreira não obtiveram autorização da D. G. S.

O departamento contava, para o futuro, dirigir e alargar estes convites a mais esecritores e artistas portugueses e a cientistas.

Referiu também o facto de, por influência do sr. Aníbal André, um grupo de personalidades soviéticas, nas quais ele se incluía, ter visitado Portugal de que se recordava com a maior simpatia.

Em seguida, pediu-nos que estabelecêssemos nós mesmos o programa, dizendo o que mais nos interessava visitar. Estava de antemão planeada uma estadia em Moscovo, em Leninegrado e noutra república à nossa escolha. Afinal, por proposta de um seu colaborador, e contra o costume, acordou-se em que, além de Moscovo

e Leninegrado, visitássemos mais duas repúblicas — a Geórgia e o Ouzbequistão.

Fundamentalmente, pretendíamos tomar contacto com os aspectos culturais da vida soviética e com escritores e artistas, assim como a organização do ensino médio e superior. Tudo nos foi prometido e realizado. Em Moscovo, acompanharam-nos três intérpretes, uma das quais, Helena Mikaelovna, nos acompanhou a Leninegrado, à Geórgia e ao Ouzbequistão.

Esta senhora, linguísta de mérito a trabalhar na Academia das Ciências da Rússia, foi de uma gentileza inexcedível, simpática, simples, e possuidora de uma cultura geral verdadeiramente invulgar, além do aspecto especializado da linguística. Ao cabo de alguns dias tinha conquistado em nós uma amizade e uma admiração que não esquecerá.

Como já referi, mas desejo vincar, nunca houve da parte dos nossos anfitriões uma palavra, um remoque, uma conversa que envolvesse uma questão política. Via-se nisso, claramente, uma deliberação prèviamente estabelecida.

Nem sequer havia nunca nas suas palavras uma exaltação do regime. Deram-nos informações, mostraram-nos tudo, sem vanglórias, embora com um natural orgulho.

Koblikov é um homem muito competente, de um trato excepcional, culto, fala correctamente o francês.

Cumularam-nos sempre de manifestações de simpatia e de consideração.

A União tem filiais em todas as repúblicas e em várias cidades da Rússia.

Em Leninegrado, almoçámos a convite do director num palácio que é a sua sede naquela cidade do Báltico. Ofereceram-nos objectos de arte, livros, lembranças várias.

Não esqueço um pormenor da nossa estadia em Moscovo. Num dos restaurantes do grande hotel onde estávamos e onde habitualmente comíamos, havia nas mesas bandeiras das nacionalidades dos visitantes. No fim do segundo dia, ao jantar, disseram-nos que infelizmente não tinham a nossa bandeira. Não era habitual a visita de portugueses.

Mas no dia seguinte, ao almoço, trouxeram-nos orgulhosamente — orgulho pela sua eficiência — uma bandeirinha nacional que passou a marcar na mesa a nossa presença.

A verdade é que se nós somos acolhedores para os estrangeiros, os russos não nos ficam atrás em simpatia, em calor humano e em bom acolhimento.

★

Como em Leninegrado, existe em Moscovo um museu da Revolução. Para mim, foi até certo ponto uma decepção. Salas e salas com retratos, óleos, aguarelas

dos principais dirigentes da Revolução. Se algumas dessas fotografias tinham um interesse histórico, a maioria dos quadros, a meu ver, não possuem grande valor artístico.

Por outro lado, a parte mais importante do museu não chegava até nós, por desconhecimento da língua. E é essa, sobretudo, a origem da decepção.

Fundamentalmente, é um repositório da maior importância histórica, de milhares e milhares de panfletos, opúsculos, jornais e revistas clandestinas, proclamações, etc., desde antes da revolta de 1905 até à vitória de Outubro de 1917.

Esperava que na capital, centro político e cultural de uma revolução como a russa, o seu museu fosse efectivamente de uma grandeza e de um significado maiores.

Uma grande maqueta iluminada do Palácio de Inverno, no momento decisivo da intervenção do cruzador «Aurora», não está de acordo com as possibilidades técnicas e a grandiosidade que este museu poderia ter.

Mas falei nisto principalmente porque, entre centenas de fotografias e de citações dos principais chefes revolucionários, se conseguiu omitir sempre sem uma única excepção, o retrato ou o nome de Trotsky.

De Estaline há um ou dois, salvo erro. Mas Trotsky era, ao tempo, uma personagem tão em evidência como Estaline.

Isto causou-me uma certa admiração. Se o trotskismo tem um significado fora da U. R. S.S. — embora relativo — vê-se claramente que lá dentro não tem nenhum. Um regime firmado que ultrapassou as fases que justificariam um tal temor.

E, para mais, apesar da luta contra o culto da personalidade, quanto a este o problema é diferente. O busto de Estaline já se encontra junto do mausoléu de Lenine.

Não resisti a perguntar como encaravam a posição histórica de Estaline. Disseram-me que se procurava não esconder os seus erros, até os seus crimes, mas não podiam ser ignorados os lados positivos da sua actuação nos trinta anos (ou quase) do seu governo. Não dele — vincaram — mas de todos os que mandavam. «Richelieu cometeu grandes crimes, mas nenhum francês pode deixar de reconhecer o seu extraordinário papel histórico.»

Ora isto, quanto a Estaline. Mas quanto a Trotsky, parece não ter chegado o momento de uma análise fria, calma e objectiva.

Nesse dia afastámo-nos do centro da cidade para visitar Novodvitchi — um mosteiro do século XVI junto do qual se encontra um pequeno cemitério que é uma espécie de modesto panteão de escritores, poetas, artistas, personalidades importantes em vários sectores da vida russa, anteriores e posteriores à Revolução, generais, nomes conhecidos da última guerra, a mulher de

Estaline, o túmulo de Tchekov. Um cemitério de uma simplicidade melancólica, um local propositadamente mantido com o sabor de outros tempos, grandes árvores, bancos velhos de madeira, onde apetece ficar, sentir o silêncio, ver as folhas já amarelas no chão ou levadas por uma aragem leve.

Há gente idosa por ali, O sino da igreja lembra o entardecer das nossas aldeias. Num banco, um velho — a imagem que fazemos de um mujique, octogenário. Muito agasalhado, apesar dos 22 graus. Olhar ausente, um rosto talhado em pedra. Uma figura que não esquece. Tudo ali parece pertencer a um passado, tristemente suave, pacato como as recordações que nos ficam de Tchekov.

Entramos na igreja ortodoxa. A beleza dos velhos ícones. Pouca gente. Há duas senhoras que entram, se benzem, beijam o vidro que cobre uns pequenos ícones e afastam-se para orar. Dois homens.

Na nave central, há trinta ou quarenta pessoas. Reparámos que é um enterro. Há dois caixões. O pope, de longos cabelos grisalhos, paramentos onde abundam o dourado e o roxo, uma figura de estranha beleza, procede aos actos litúrgicos.

Ouve-se agora um coro. Cânticos que as vozes de baixos tornam impressionantes.

Há duas ou três mulheres relativamente novas. Os outros passaram todos os 50 anos.

O que já tínhamos notado na Hungria, repete-se aqui. Mas, na Rússia, parece que a influência religiosa é bem menor.

Os que se mantêm, são de uma sinceridade tocante e evidente.

Saímos, banhados por aquela nostalgia que dá o campo, a voz dos sinos, as igrejas e os cemitérios.

À saída, uma figura totalmente diversa nos chama à realidade actual, ao presente. Uma rapariga de uns 20 anos, bonita, muito loira, maquilhada, com um fato azul de trabalho, grandes botas altas e luvas de borracha, arranja um jardim exterior que já não pretende ser a manutenção de uma épcoa, a valorização de um monumento histórico. É jardineira profissional.

Insensìvelmente, sorrimos à rapariga loira que nos saúda, com um riso fresco e aberto, e continua o seu trabalho.

★

A nova Universidade de Moscovo ocupa 320 hectares, com salas de estudo, laboratórios, bibliotecas, habitações de estudantes, instalações desportivas, um jardim botânico e um grande e aprazível parque. A frequência é de cerca de 12 mil alunos e alunas, a maioria dos quais ali estão alojados.

Como o ensino médio, também o superior é gratuito. No entanto, como a frequência é, em grande parte, de

alunos não residentes em Moscovo, a estadia representa um certo encargo.

Como é resolvido este problema? Uma parte dos alunos — percentagem relativamente pequena, segundo me disseram — é formada por empregados ou operários que seguem os seus cursos. Quanto aos restantes, todos podem teòricamente obter bolsas que os tornem econòmicamente independentes, durante a obtenção do curso. Efectivamente, todos que obtiverem classificações que, mais ou menos, correspondem a bom ou muito bom, têm automàticamente direito a essas bolsas.

Só os outros ficam a cargo das famílias.

O critério é justíssimo e, segundo parece, a grande maioria obtém a bolsa.

Embora a Universidade seja acessível a todos, há uma restrição que resulta da fixação de um número de vagas para inscrição em cada Faculdade, de acordo com as necessidades públicas e de forma a não haver o perigo de desemprego no final do curso, do diploma servir para se guardar na gaveta e se exercer qualquer outro mister.

Para as vagas existentes têm também preferência os alunos mais classificados.

Claro que, atendendo ao desenvolvimento económico e cultural do país, esta restrição não existe em relação à maioria dos cursos. Por outro lado, o aluno rejeitado

pode escolher uma infinidade de cursos técnicos e profissionais fora da Universidade.

O ensino na U. R. S. S. atingiu proporções verdadeiramente espantosas. Em cada quatro habitantes, um faz os seus estudos. Todas as formas de ensino são gratuitas — gratuitidade que envolve o material didáctico.

Nove milhões de rapazes e raparigas frequentam cursos de ensino superior em cerca de 800 estabelecimentos desse ensino. E para o ensino secundário especializado existem 4000 estabelecimentos.

Uma das formas de ensino mais importante e sobre a qual se debruçam presentemente os ocidentais é por correspondência.

A lei concede a todos os operários e empregados que fazem os seus cursos por correspondência o direito a férias suplementares pagas durante o período de exames e de preparação para os mesmos.

Durante o ano 1969-1970 foram criadas mais de 60 estabelecimentos de ensino superior, dos quais 9 universidades e durante os últimos cinco anos formaram-se na U. R. S. S. mais de 7 milhões de especialistas com uma instrução superior ou técnica secundária.

O panorama do ensino causa vertigens. Presentemente a escolaridade obrigatória é de dez anos, o que corresponderia ao nosso sétimo ano, se os programas fossem equiparáveis.

No ensino primário, estão inscritos para este ano 50 milhões de crianças que frequentarão 180 000 escolas. O ensino processa-se em 45 línguas, conforme as diversas etnias.

O número de professores dos vários graus de ensino que, em 1922, era de 230 000, é hoje de 2 640 000. E o novo plano quinquenal espera para os próximos cinco anos um grande aumento.

Onde a transfomação é mais espectacular é justamente nas repúblicas federais onde há cinquenta anos havia cerca de 98 por cento de analfabetos e onde hoje pràticamente não existem.

Na visita que fizemos a um liceu, em Leninegrado, podemos verificar a utilização dos mais modernos meios áudio-visuais e dos processos pedagógicos considerados mais arrojados.

★

Deixamos a Universidade e percorremos parte da cidade, para uma visão rápida. O tempo é escasso para tudo o que desejamos observar. Passamos ràpidamente sobre o grandioso estádio e uma imensa área de campos desportivos — o Estádio Lenine.

Mais tarde, demorei-me ali algum tempo. O conhecimento do que é o desporto na União Soviética foi para mim extraordinàriamente esclarecedor. Em primeiro lugar, a juventude soviética foi, efectivamente, um dos

aspectos que mais me impressionaram nesta curta visita. Nenhum sintoma de decadência verificada no Ocidente. Um ar de extraordinária saúde e força, sem características bélicas ou «feita em série». Juventude autêntica, comunicativa, verdadeiramente bela. Há muito rapaz de «blue geans», de cabelos relativamente compridos, muita rapariga de calças ou de mini-saia. Repare-se que o traje escolar das raparigas até ao 10.º ano é de mini-saia. Mas não vi um único jovem com o aspecto pouco limpo ou descuidado. Há neles uma saúde jovem como raramente encontrei. Isto não é conseguido — não pode ser — apenas por factores de ordem moral ou cultural.

Em segundo lugar, justamente nesse dia, a rádio anunciou as 50 medalhas de oiro ganhas pela representação soviética nas Olimpíadas, mais um enorme número de medalhas de prata e de cobre.

É impossível que um tal resultado — sobretudo na ginástica e no atletismo — não corresponda a um desporto massivo, praticado em condições excepcionais.

No grande conjunto desportivo Lenine, com um estádio para mais de 100 000 pessoas, um estádio menor, uma bacia náutica e um palácio de desportos, existe um museu, onde se pode seguir o desenvolvimento do desporto e educação física na U. R. S. S., desde 1920.

Por ali vi algures estas palavras, como legenda nacional:

«Considera-se que um dos principais objectivos é o de assegurar, desde a mais tenra infância, a educação de gerações sãs e harmoniosamente desenvolvidas sob o ponto de vista físico e moral.»

Num documento oficial de 1966, intitulado «Medidas para o desenvolvimeneto da cultura física e desportos», afirma-se que a cultura física soviética deve ser um movimento de *todo o povo*, assente num sistema científico de educação física e aplicado a todos os grupos populacionais desde a infância e que o desporto deve ser o companheiro de toda a vida do cidadão soviético.

Por outro lado, nas directivas para o plano quinquenal de 1971-1975, pode ler-se:

«Criar melhores condições para que as grandes massas populacionais pratiquem a cultura física e os desportos, pondo ao seu serviço novas instalações desportivas e explorando intensivamente as que existem.»

Considera-se que «só uma boa preparação física permite assegurar um organismo resistente, aumentando a capacidade de trabalho e fornecendo a actividade criadora e a elevação contínua da produtividade».

Vários estudos sociológicos efectuados em grandes empresas da União, demonstram que a produtividade do trabalho dos trabalhadores que praticam a cultura física aumenta em média de 5 % a 7 % e que a doença diminui de 15 % a 20 %.

E parece não estar este sector da vida pública na União Soviética afastado desta realidade — em 1922 a média da vida do homem era de 32 anos (!) e hoje é de 70!

No entanto, afigura-se-me que não é, de forma nenhuma, apenas por razões utilitárias de produtividade que o Estado Soviético dedica à educação física e ao desporto uma tão grande atenção.

Mas vejamos. O orçamento de 1971 dedica uma verba de 9,3 biliões de rubros à saúde e à cultura física e o orçamento dos sindicatos ofereceu-lhes mais dois biliões!

Junto de cada Soviete Supremo das repúblicas federais como junto de cada Soviete local existe uma comissão permanente de cultura física.

A educação física é obrigatória nos jardins de infância, nas escolas, nos colégios técnicos, nas técnicas profissionais, nos estabelecimentos de ensino superior, no exército e na armada.

Após as aulas, há um milhão de crianças que pratica desportos sob a orientação de 25 000 monitores, preparados em 3000 institutos existentes.

Dos 6,8 milhões de jovens trabalhadores formados nas escolas técnicas profissionais nos últimos anos, 4,2 milhões praticam desportos.

Como se processa tudo isto fora dos estabelecimentos escolares? Através dos grupos desportivos e

clubes organizados nas oficinas, fábricas, kolkhozes e sovkhozs (1), institutos públicos e científicos, etc.

Contam-se, através de todo o território, 210 000 grupos e clubes, que são os elementos básicos das várias sociedades desportivas.

Em toda a União Soviética há 36 grandes sociedades desportivas que agrupam 44 milhões de desportistas. Os mais conhecidos são o Dínamo e o Spartak. A cotização de cada aderente (anual) é de 30 kopeks (15$00).

Mais de 13 milhões de soviéticos praticam durante as pausas da actividade profissional exercícios ginásticos sob a orientação de médicos e técnicos da especialidade.

Entre os camponeses, a prática do desporto é igual. Muito importante. Ali, doze milhões de pessoas agrupam-se em 60 000 grupos de cultura física.

Existem 21 Institutos do Estado para a Cultura física e 77 Faculdades dependentes dos Institutos Pedagógicos, 25 escolas secundárias de cultura física e 10 de treinadores, onde se formam os monitores e professores.

Outro aspecto extraordinàriamente significativo é o da ciência ao serviço do desporto.

---

(1) Empresas de exploração agrícola estadual. Estes e os Kolkhozes são as únicas formas de exploração agrícola.

Em Moscovo, Leninegrado e Tbliss (capital da República da Geórgia) existem Institutos de investigação científica no domínio da cultura física.

Por outro lado, a investigação científica no campo do desporto é levada a efeito por institutos de cultura física, por instituições técnicas e médicas, pela Academia de Medicina da U. R. S. S. e pelas Academias das repúblicas federais.

Em Kiev foi criado, recentemente, um instituto de investigação dos problemas médico-biológicos na cultura física. A sua missão é elaborar princípios de utilização dos exercícios físicos para a saúde da população, principalmente para lutar contra o envelhecimento prematuro.

Em 1965, teve lugar em Moscovo a primeira conferência mundial sobre «A Cibernética e o desporto».

Na União Soviética existem actualmente 3000 estádios, 35 000 campos desportivos, mais de 40 000 ginásios e cerca de 5000 campos de desporto e saúde.

De quatro em quatro anos, realizam-se na U. R. S. S as Spartakíadas, competições desportivas semelhantes às Olimpíadas.

As seguintes palavras de Avney Brundage, ex-presidente do Comité Internacional Olímpico, sobre a V Spartakíada de 1971, pessoa indiscutìvelmente insuspeita sobre o aspecto político, definem bem a situação da U. R. S. S. neste campo:

«Os exercícios de ginástica de massas são inesquecíveis, sobretudo os dos mais jovens. Não são apenas elevados em cores e ricos de conteúdo, mas efectuados a um nível desportivo muito alto. Os organizadores destes festivais e, sobretudo, os organizadores da vida desportiva do vosso país merecem os melhores elogios. Fico sempre impressionado com a amplitude que tomam entre vós os movimentos desportivos. Cerca de 45 milhões de pessoas participaram nestas provas. Eis um brilhante exemplo para os outros países. Um exemplo da forma como devem ser encarados os ideais olímpicos.»

Para terminar, não pode deixar de se referir a promoção do movimento turístico na U. R. S. S., estreitamente ligado ao desporto.

O lema que orienta este campo de acção está expresso nestas palavras:

«O conhecimento dos monumentos históricos e culturais, a natureza do país natal, as realizações económicas, culturais e científicas contribuem para desenvolver entre os soviéticos o amor pela pátria, a fidelidade às tradições do nosso povo.»

Milhões de pessoas viajam pela União, ocupam as suas férias em estadias e viagens por todo o imenso território do país.

Bom, não é só isto. Não esquecer que, além do mais, na U.R.S.S. existem 400 000 teatros.

★

A grande exposição industrial e agrícola com dezenas e dezenas de pavilhões merecia uma permanência de vários dias para se fazer uma ideia do desenvolvimento económico da U. R. S. S. Percorremos quatro ou cinco apenas — os da astronáutica, da electricidade, da electrónica, da cultura, da agricultura e dos artigos de consumo corrente.

Neste último podemos, em face dos artigos expostos e dos números comparativos da produção em relação a 1970 e ao novo plano quinquenal, tirar determinadas conclusões e encontrar a explicação para vários aspectos da vida soviética.

Pelo que se depreende, na senda já do quinquenal anterior (1965-1970), este traz um enorme incremento à indústria ligeira para a produção de vestuário, tecidos, calçado, os mais variados produtos de uso corrente.

Estão ali expostos, para todos os ramos, milhares e milhares de artigos e produtos, grande parte dos quais será posta à venda no princípio do ano que vem.

São moda soviética para mulher, homem e criança, os perfumes, os artigos de maquilhagem, mobiliário, decoração de interiores, tudo aquilo que significa para o quotidiano, o bem-estar e o aprazível da vida.

Verifica-se claramente que já vai longe a fase, digamos espartana, da vida soviética. Aqueles pequenos

nadas da vida pessoal — que são tão importantes — estão postos à disposição de uma sociedade humana que se sacrificou e quer viver melhor e mais plenamente.

Da breve passagem pela Rússia, algumas verdades eternas se me apresentaram.

Uma é a de que nenhum povo pode viver eternamente como herói ou como vítima.

Outra refere-se ao conceito burguês da vida corrente. Quando me referi na primeira noite de Moscovo, ao espanto ingénuo do ambiente do hotel, queria dizer alguma coisa. Só por ingenuidade podia haver espanto. Seja porque forma for, a luta do homem é sempre pelo bem-estar, pela comodidade, pela beleza, pela tranquilidade, pela paz. A vida não pode ser eternamente em casa-mata. E confunde-se muita coisa quando se fala enfàticamente de hábitos burgueses. Sobretudo os que são efectivamente burgueses.

Nos países ocidentais, uma parte, infelizmente bastante grande, da juventude mistura conceitos e confunde valores. Acoimam-se de burgueses os hábitos de trabalho, de estudo, de defesa moral, de defesa até da vida e da saúde, de dignidade, e carácter e considera-se como progressivo, não burguês e até vàlidamente contestatários, os hábitos de ociosidade, desregramento, desonestidade, lesivos dos mais elementares interesses colec-

tivos, que são, afinal, os clássicos sintomas de decadência das classes dominantes.

Falei com vários jovens, procurando informar-me sobre a sua vida sexual. Todos, saudàvelmente, se mostraram afastados de tabus desumanos, mas francamente defensores do amor como um modo de dignificação e não de abandalhamento, assim como contrários a um exibicionismo que não leva a nada.

Há, «ou sente-se», uma certa forma de puritanismo que vem da sua força, da sua juventude, da sua segurança, e não é imposto por outra ordem de razões.

Não existe na U. R. S. S. nenhum problema quanto às drogas. Isto tem uma razão de ser e não quero nem levianamente criticar, muito menos condenar uma juventude (ou parte dela) do Ocidente cuja frustração a determina. Já o mesmo não poderei dizer de uma juventude com privilégios de classe que, confundindo tudo, pretende encontrar na sua própria degradação uma actuação revolucionária.

Há em Moscovo e em Leninegrado, e suponho que por toda a Rússia, estabelecimentos de venda para estrangeiros. Artigos que são destinados à obtenção de divisas.

No meu hotel, há, agora, uma verdadeira inflação de canadianos que vêm acompanhar um clube de hóquei. São piores que os americanos. Mais novos ricos,

mais gordos, mais barulhentos. Nesta torre de Babel multinacional, eles abafam tudo.

Também há aqui uma loja de venda dos mais variados artigos para estrangeiros. Andava há tempos a namorar uma balalaika. Puro interesse decorativo e recordação. Decido-me a comprá-la. Mas... desisto. Um quase pudor me impede. Vejo sair de lá um grupo de canadianos — mais de trinta! — cada um com a sua balalaika. Uma filarmónica.

Comprei um cachimbo que, para mim, tem a mesma utilidade.

No passeio de hoje pelo parque de repouso, fomos a um grande recinto, gratuito, para mais de um milhar de pessoas, com um palco, onde ouvimos uma cantora cantar árias de Shostakovitch e um actor recitar Shakespeare. Como todo esse tipo de recintos, estava cheio.

Visitei alguns grandes armazéns de Moscovo, em especial os GOOM, que dão para a Praça Vermelha e, no interior, lembram em muito maior as galerias de Milão. Há de tudo ali. E em qualquer secção, uma bicha de gente para comprar.

É rara a noite que no hotel não haja dois ou três e até mais banquetes de casamento. Casam-se muitos jovens como é natural. Para nós, aqui, em Moscovo ou em Leninegrado, eivados de um virus ocidental contra certos formalismos, estas cerimónias com o noivo, ves-

tido de circunstância e a noiva de branco, com o véu e raminho, tem seu quê de insólito. Mas, para lá do primeiro momento, há um regresso a uma ternura romântica, uma saudade do que não somos capazes de fazer nem de sentir.

Como é de uso, comem, bebem — não esquecer que o russo, tem dois terços do ano de um clima de temperaturas negativas —, dançam, manifestam a sua alegria exuberante.

Já vi uma noiva de véu à banda e passo incerto, com nítidos sinais de bem bebida. A alma russa, emotiva, sensual, excessiva, manifesta-se nos mais pequenos pormenores. Outro dia presenciei uma daquelas cenas que podiam ser descritas por Tolstoi ou Dostoievski ou mesmo Tchekov. Uma noiva, muito jovem, bonita —fez-me lembrar a Natacha— atravessou o «hall» do hotel. Nos olhos de um azul nublado havia lágrimas. À volta dela três ou quatro pessoas com um ar vagamente comovido. Saíram para a rua. Saí também para ver. Cá fora, afastou-se com uma amiga, jovem como ela. Ouvi palavras molhadas de lágrimas mimalhas, que não entendi. Abraçou a amiga e estiveram assim largo tempo. Ela chorando baixinho, a outra afagando-a, enquanto eu imaginava histórias que não tinham nada a ver com a realidade.

Em Leninegrado, insistiam tanto para que viesse a um casamento, que decidi ir mesmo. Numa sala, havia

uns seis ou sete noivos com os amigos. Noutra, as noivas davam os últimos retoques nos vestidos enquanto as amigas iam certamente repetindo aqueles conselhos tolos e bem intencionados. Depois, em cortejo, a noiva e o noivo, separados, dirigem-se ao grande salão, onde o funcionário os vai unir pelo casamento. Há a orquestra a tocar uma qualquer marcha nupcial — o cerimonial, as alianças, as palavras sacramentais, o beijo. Depois, numa outra sala, um primeiro beberete. Só mais tarde, se faz o copo-de-água. O que é certo é que nunca vi tantos casamentos.

No último dia em Moscovo, deambulando à noite pelo hotel, aproximei-me de uma sala onde havia banquete rijo. Mais de uma centena de convidados. Fui autênticamente apanhado, raptado, entronisado na festa. Tive que provar bolos, beber vodka e champanhe da Crimeia, dançar e dar um beijo à noiva. Fui uma variante e até fiquei nas fotografias. Eu que sempre embirrei com os casórios... Mas senti ao vivo a afabilidade russa, o seu calor humano, a sua lhaneza e simpatia.

E, que diabo!, chamem-lhe pequeno-burguês, imbecil, ridículo... Talvez seja. Mas pareceu-me entender para lá da nossa visão, talvez deteriorada, um mundo diferente. Até me arrependi de, no princípio, me ter rido daquilo.

Já fui à estreia de um ballet, a uma noite inesquecível no grande circo de Moscovo — e à estreia da ópera

«Príncipe Igor», no Palácio dos Congressos, dentro do Kremlin, na sala magnífica onde se fazem as reuniões do Soviete Supremo, à cunha, como sempre. Musicalmente um espanto. Bailados tècnicamente perfeitos. Um naturalismo de «mise-en-scéne» que já não gosto. No entanto, que espectáculo grandioso! 600 figuras em cena.

Hoje somos recebidos numa grande editora do Estado. Mais de uma dezena de membros da direcção nos recebe. A escritora Sinianskaia Ludmilia representa a União dos Escritores que nos receberá mais tarde. Liliana Brevern, da revista «Judojostvennaja Literatura» ocupa-se dos latino-americanos.

Apresentam-se, indicando as suas funções nos vários sectores editoriais e pedem-nos que falemos da nossa actividade literária. Duas horas de convívio muito afável e, pelo menos para nós, verdadeiramente importantes.

Vou tentar resumir os aspectos mais interessantes desta entrevista.

Esta grande editora está estreitamente ligada à União dos Escritores e à Academia das Ciências da U. R. S. S. — de que publica obras científicas.

Numa actividade imensa em todos os campos editoriais, publica as grandes obras dos clássicos russos, assim como de todo o Mundo, e o modernos prosadores e poetas, ensaístas de todos os continentes.

Tem uma secção especial para as obras espanholas e de língua portuguesa.

Publica uma revista quinzenal de literatura com uma tiragem de dois milhões de exemplares. O preço é de trinta kopecs (dez escudos). Além desta, há mais setenta relacionados com a literatura.

Enquanto os fotógrafos da revista batem as chapas para a notícia que vão dar da nossa visita, falam-nos do escritor, da sua estreita ligação com o público.

Mas sobre edições...

As editoras fazem estudos de mercado, evidentemente, mas o trabalho é-lhes altamente facilitado pelo imenso número de leitores. Um cifra é bastante elucidativa. Na U. R. S. S. há 400 000 bibliotecas. Em parêntesis posso dizer que a Biblioteca Lenine é a segunda maior do Mundo. A primeira é a do Congresso nos Estados Unidos. Tem uma capacidade fora do comum para leitores.

Embora estas bibliotecas não comprem todas as obras que se publicam, são uma parte importante do mercado comprador.

A tiragem mínima de um livro de versos é de 15 mil exemplares, mas a tiragem média de 60 a 70 mil.

Na prosa, as tiragens mínimas são de 50 mil exemplares, o normal de 300 a 400 mil, mas chegam a atingir 700, mil e mais.

Em Leninegrado, há uma tipografia — equipada com o que é considerado a última palavra da técnica — que imprime por dia 500 mil exemplares de um livro.

Em 1971 foram editados 1 bilião e 600 milhões de livros, em 107 línguas, e desde a tomada do poder pelos sovietes até agora publicaram-se 38 biliões de obras em 145 línguas.

Estão sinceramente muito interessados na publicação e no conhecimento mais profundo da nossa literatura. Interessados mesmo num intercâmbio.

Já editaram obras de Alves Redol, Pereira Gomes, Fernando Namora, Cardoso Pires e Manuel da Fonseca. «A Aventura de João sem medo» de José Gomes Ferreira ganhou um prémio de apresentação gráfica e parece ter sido um êxito editorial.

Dos clássicos, já publicaram Luís de Camões, Sá de Miranda, padre Manuel Bernardes, padre António Vieira, Rodrigues Lobo e D. Francisco Manuel de Melo.

Um dos grandes êxitos das suas últimas publicações foi «A Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto.

O autor nosso mais conhecido e editado na U. R. S. S. é Eça de Queirós. Já publicaram «A Relíquia», «A Ilustre Casa de Ramires», «O Crime do Padre Amaro», «A Cidade e as Serras», «A Correspondência de Fradique Mendes», entre outros.

O primeiro livro de Eça foi publicado por indicação de Máximo Gorki que escreveu um prefácio, «Os Maias».

Vão publicar agora os «Contos» e esperam que seja um grande sucesso.

Quando perguntámos qual a obra que obteve maior êxito junto do público, tivemos a resposta mais inesperada: «A Correspondência de Fradique Mendes».

Pensam publicar a «História da Literatura Portuguesa», de António José Saraiva e Óscar Lopes, e antologias várias. Não esquecer que há cadeiras de Português nas Universidades de Moscovo e de Leninegrado.

Ficamos com a impressão de que é um mundo que se abre para a nossa cultura.

Em contrapartida, nós não conhecemos quase nada da actividade literária actual da União Soviética.

★

Após uma noite bem dormida no comboio Moscovo-Leninegrado — umas 20 carruagens-camas (e só) cómodas, luxuosas mesmo, cada uma com a sua amável hospedeira —, chegámos à velha Petersburgo, às 8 da manhã. Uma representação da Casa da Amizade naquela cidade e Kopil Vadim, um ucraniano, professor de português na Universidade e apaixonado pela nossa literatura (amàvelmente nos irá acompanhar durante a nossa estadia), esperavam-nos. Daí a pouco os nossos automóveis desembocam na Perspectiva Nevski. O coração bate-me mais apressadamente. Um mundo de recor-

dações, de evocações de uma cultura alicerçada na leitura dos grandes romancistas — Tolstoi, Dostoievski, Puschkine, Gogol.

Com eles, enraizamos uma ideia da cidade e desta grande avenida. Ao longe a agulha doirada do Almirantado. E passam-me pela mente figuras que talvez conheça melhor que alguns amigos e familiares. São homens, mulheres e também ruas, situações, alegrias e sofrimentos, lutas — visões heróicas ou misteriosas e estranhas.

Numa transversal da grande avenida fica o nosso hotel — o Europa — estilo fim-de-século, simpático e confortável.

Vamos aproveitar a manhã para percorrer a cidade. Os nossos guias dizem-nos que os cinco dias são pouco para o que há a ver.

Uma sexta parte da superfície de Leninegrado (3 milhões e meio de habitantes) é rodeada pelas águas de sessenta e seis rios e canais, o mais importante o Neva, e mais de cem lagos. Este conjunto de verdadeiras ilhas é ligado entre si por 620 pontes, dos mais variados estilos, duas dezenas das quais são levadiças.

Debruçada sobre o Báltico, no golfo da Finlândia, é entre as grandes cidades do mundo a situada mais a norte, num paralelo que passa pelo Alaska e a Groenlândia. Daí as condições climatéricas especiais, as poéticas noites brancas, de Maio a Junho, onde apenas há

em cada dia uma breve meia hora de um vago crepúsculo.

Até ao começo do século XVIII, toda esta área estava ocupada pelos Suecos, como o Mar Negro era dominado pelos Turcos. A Rússia não tinha saída para o mar, o que impedia o seu justo desenvolvimento económico.

Em 1700, Pedro I, o Grande, reconquistou as terras do litoral do golfo e mandou ali construir uma fortaleza que mais tarde se chamou de Pedro e Paulo.

Foi o primeiro alicerce de Sampetersburgo. Com o desenvolvimento do comércio marítimo que se lhe seguiu, a cidade alastrou, cresceu e, em 1712, passou a ser a capital da Rússia.

Foram os «forçados» (os condenados a degredo) os grandes obreiros da cidade.

Plana, sem arranha-céus, ocidentalizada por intenção de Pedro I, a grandeza arquitectónica dos edifícios conjuga-se com a extraordinária beleza dos parques. Não há edifícios muito elevados nem pontos de vista sobranceiros. De resto, Nicolau I para vincar bem a diferença entre o czar e os seus súbditos proibiu a construção de edifícios que não fossem mais baixos alguns metros que o Palácio de Inverno.

Uma cidade magnífica, tanto sob o ponto de vista arquitectónico como urbanístico.

A todos os títulos esta segunda cidade da U. R. S. S.

tem tradições de que os Leninegradenses se orgulham. Três vezes cercada, nunca foi vencida.

A cidade está estreitamente ligada aos mais altos momentos da arte, da cultura, da ciência e da história russa.

Por aqui viveram e criaram as suas obras, Maiakovski, Gorki, Tchaikovski, Rimski-Korsakov, Glinka, Surikov, Shostakovitch. Génios com Pavlov e Mandeleiev.

Foi em Leninegrado que venceu a Revolução de Outubro e se começou a edificar o primeiro país socialista — a U. R. S. S.

É esta primeira imagem de Leninegrado que nos é dada num dia de céu limpo com uma temperatura de 20 graus.

Pelos nossos olhos desfilam, em imagens breves, a catedal da Virgem de Kazan, a Praça das Artes, a Praça de Ostrovski. Depois, na margem esquerda do Neva, o Smolny — hoje símbolo histórico da Revolução, onde se pode visitar o pequeno quarto onde dormiu Lenine então, e que inicialmente fora casa de veraneio dos czares, mais tarde convento e, ulteriormente, por decisão de Catarina II, colégio das jovens da nobreza.

O palácio de Tarvischenski, favorito de Catarina II, que lho deu de presente, transformado pelo filho

— Paulo I — em cavalariça, forma de vingança contra os favores da mãe.

Vem o Jardim de Verão e o Campo de Marte. A estátua equestre de Pedro I, do escultor Rasteli, com uma inscrição ordenada por Paulo I e que é um espanto: «Ao bisavô do bisneto»!

A Praça do Palácio de Inverno (por toda a parte se lembram páginas de John Reed) e um dos mais belos e ricos museus do mundo — o Hermitage.

Continuamos pelo Almirantado, a Praça dos Dezembristas, a Praça de Isaac, que sei eu! — uma cidade que se não esquece, se apodera de nós. Bela, magnífica, evocadora e suave.

Visitamos o cruzador «Aurora», hoje um pacífico museu onde grupos tiram retratos junto ao histórico canhão.

Depois de um almoço oferecido pela Casa da Amizade, vamos à fortaleza de Pedro e Paulo.

Ali, mais uma vez, se evidencia um aspecto da Rússia actual que reputo de excepcional importância — o respeito e a valorização e dignificação de tudo o que é importante na cultura, na arte, na história nacional, em qualquer época, pondo em destaque, com grande objectividade, os lados negativos que lhe possam estar ligados. Há um verdadeiro culto pela personalidade de Pedro, o Grande, e ali, como em toda a cidade, isto é evidente — o seu primeiro barco (o avô da armada

russa), a primeira casa de madeira onde habitou, as notas mais dominantes da sua actuação como estadista, os seus conceitos morais e políticos.

Mas, paralelamente, os aspectos de tirania e de crueldade, e, na continuação do czarismo, a reconstituição exacta da prisão-fortaleza, as celas dos condenados, os nomes, o tempo do suplício. Lá está a de Gorki também.

Uma maquete mostra-nos a entrada dos prisioneiros, que nem pelos soldados podiam ser vistos, assim como o embarcadoiro onde iam para a execução.

Este passeio por Leninegrado ficará para sempre gravado em mim com a nota de uma grande angústia.

Fomos ao cemitério e memorial de Piskareveskoié. Estão lá os restos mortais de meio milhão de leninegradenses, mortos durante os novecentos dias de cerco, na última grande guerra.

Todos nos lembramos ainda desse cerco, do sofrimento e do heroísmo da cidade. A ração diária de pão — quase único alimento — chegou a ser de 250 gramas para os soldados e de 125 gramas para os outros habitantes. Os serviços públicos deixaram de funcionar. Cortada a água e a electricidade, nenhum aquecimento, transportes paralisados. De fome e de frio morreu a maioria dos que ali repousam.

No entanto, através da superfície gelada do lago Ladoga, manteve-se a única saída, a que se chama «o caminho da vida».

É um imenso parque. Na entrada ,arde a chama da pátria. Depois, uma grande alameda leva ao memorial, onde, além de uma figura de mulher em bronze que simboliza a pátria, se inscrevem num mural estes versos de Olga Berngolt que ali sofreu e morreu: — «Ninguém será esquecido, nada será esquecido.»

Depois, o parque imenso, belo e melancólico. Canteiros enormes só de relva, onde, em cada um, se pode ler: «Aqui repousam dez mil... ou 20 000 ou trinta mil mortos — 1941 ou 1942, etc...» Isto apenas.

E árvores, árvores frondosas, grandes, manifestação de vida, à volta destes canteiros relvados e trágicos, relva fria e verde.

Os acordes de uma sinfonia que julgo ser de Schostakovitch ouve-se por toda a parte e sempre, numa surdina que parece vir da terra e daquele meio milhão de homens.

Triste e angustiante, misto de raiva, de impotência, de saudade por quem se não conheceu.

★

Somos recebidos na sede da União de Escritores de Leninegrado. Um grupo de escritores e escritoras, entre os quais uma senhora que fala quase correctamente português e conhece a nossa literatura e por ela se interessa. É o vice-presidente da União quem nos apre-

senta cumprimentos — um dramaturgo — Nazarov. A sede está fechada até fins de Setembro. Encontram-se ali, a título excepcional, para nos receber.

O Sr. Nazarov dá-nos conta do que é a União dos Escritores em todos os seus aspectos. Em toda a U. R. S. S. existem mais de 100 mil associados, dos quais 400 em Leninegrado. Em cada república há uma secção da União.

A sede é em Moscovo, onde há 7500 sócios. O grande número de associados justifica-se, não só pelo extraordinário incremento da vida literária, tanto na ficção como na crítica e ensaio, como pelo facto de os tradutores serem equiparados aos escritores.

A actividade do tradutor é da maior importância, tanto a versão de obras de autores para lá das fronteiras da União Soviética como a versão nas línguas nacionais.

Como se sabe, a União Soviética é constituída por 15 repúblicas autónomas, que mantêm, além da língua russa, territórios autónomos, pequenas etnias que, igualmente, usam e defendem as suas línguas próprias.

Deste modo, as obras tanto estrangeiras como russas, são traduzidas para todas essas línguas. A actividade do tradutor — levada a sério — é, efectivamente, um dos grandes suportes de uma cultura massiva.

A direcção da União em Leninegrado é constituída por 40 membros, eleitos por dois anos e meio. Entre

eles é escolhido (pelos próprios) um secretariado de 12 elementos. Só quatro destes directores recebem um salário, por exercerem uma actividade mais constante. Há um numeroso grupo de funcionários.

Da União faz parte a editora «O escritor soviético». Publicam quatro revistas. Duas grandes, apenas de literatura, uma para jovens e outra para crianças. Esta última tem uma tiragem normal de 100 000 exemplares. Além disto, há editoras especializadas para vários ramos de cultura.

A base ainda hoje mais importante da vida económica da União é o Fundo Literário, criado há cerca de 100 anos, depois de uma luta perseverante de Dostoievski. Inicialmente, este Fundo Literário recebia 2 % do preço de capa, em todas as publicações de carácter literário. Hoje, essa percentagem elevou-se para 7 % em todos os livros publicados, incluindo os clássicos. Recebem também 5 % de direitos em todas as representações teatrais, nos filmes, nas revistas, etc.

Sendo a União Soviética o país do mundo com maior volume de publicações, mesmo apesar do preço muito baixo do livro, fàcilmente se vê a extraordinária possibilidade económica de uma obra de ajuda e de defesa do escritor.

A ajuda ao escritor é feita através de bolsas, de subsídios, de assistência especializada, de grandes centros de convívio, de casas de repouso e de trabalho, etc.

Perto de Leninegrado — à beira do Báltico — há uma casa de repouso e um sanatório para escritores.

As bolsas e os subsídios destinam-se a permitir aos escritores as deslocações e estadias aos mais variados pontos do território soviético, viagens ao estrangeiro, possibilidade de estudos demorados sobre os mais diversos aspectos da cultura e da investigação.

Como já se faz em alguns países da Europa — embora normalmente à custa das grandes editoras — existem casas de repouso e trabalho, onde os escritores se podem isolar para escrever as suas obras.

A União considera da maior importância o contacto do escritor com as sociedades mais diversificadas, com a experiência directa junto dos povos das várias etnias, com a autêntica realidade humana e, por isso mesmo, o escritor tem as maiores facilidades em as estudar e observar de perto.

A União tem uma grande livraria, onde vende não só as obras por si editadas, mas as das outras editoras. Tive ocasião de a visitar. É uma das maiores de Leninegrado. Há um clube — A Casa dos Escritores.

Neste clube reúnem-se não só os escritores associados como também grande número de jovens que pretendem iniciar a sua carreira literária. Sobretudo poetas. Há um trabalho específico destinado a conseguir a publicação dos novos escritores. As obras dos jovens são lidas por um grupo de autores e críticos e por

outros jovens. São lidas também nos palácios da Cultura (de que viremos a falar), que têm clubes literários. Em Leninegrado, há algumas dezenas destes palácios de Cultura.

Em Moscovo há 150. As obras são lidas e discutidas também na Universidade. Nessas reuniões são seleccionados os melhores trabalhos e recomendados às editoras.

Uma vez por ano, é publicado um almanaque literário com as produções dos jovens ainda não membros da União. Apesar de tudo, está em estudo a criação de uma filial só para os escritores mais novos.

Os escritores procuram manter um contacto estreito com o público — em sessões de leitura, conferências, colóquios, discussões críticas. A forma de crítica que consideram mais importante é a do encontro do escritor com o público nas escolas, nas universidades, nas grandes fábricas, etc.

Interrompi para fazer uma pergunta: «E os que não são recomendados? Como saltar a barreira?» Não ponho a questão política (ou, por outra, a questão do regime político, visto que é aceite a crítica, mas não a discussão das bases fundamentais do regime), mas a própria renovação literária, estética? É sabido que o escritor com a idade se vai tornando académico„ apegado a fórmulas estabelecidas e dificilmente aceita o que vai

contra o que é a sua estrutura. Como saltar a barreira se lhe não é possível a publicação fora da engrenagem?»

O Sr. Nazarov responde:

«Os jovens têm uma visão mais aguda da vida. São muito sensíveis à forma, assim como são quase sempre um pouco exagerados na sua auto-apreciação. Quando encontramos os que, com valor ou possibilidades evidentes, apresentam uma forma literária pouco tradicional e discutível (para nós), a organização guarda-as para publicação a fim de que se possa compreender ou discutir a essência dessas inovações. As recomendações feitas pelos vários sectores onde as obras são lidas e discutidas são tomadas em consideração pelos escritores directores da União. É claro que a editora tem uma administração que pode ou não acatar essas recomendações. As editoras têm um conselho de redacção formado por escritores mais velhos e jovens, mas podem não aceitar.

A discussão da obra faz-se sobre dois aspectos — a forma literária e o seu conteúdo. Os jovens têm tendência para generalizar os factos menores. Pede-se-lhes que procurem um ponto de vista mais vasto e geral. É evidente que o jovem tem uma experiência reduzida. Muitas vezes não tem sequer possibilidade de observação do que o cerca ou é (por ele próprio) difícil fazê-lo. O critério geralmente seguido por nós é o de conseguir a ida do jovem criador literário para pontos

do país totalmente diferenciados do meio onde até aí viveu, justamente para que tenha horizontes mais vastos e os possa comparar com o seu pequeno mundo anterior.

É de notar que, em geral, os primeiros livros têm muito interesse. O pior são os segundos. E é natural. A sua limitada experiência esgotou-se com a primeira produção. Quando se lhes dá a oportunidade de outras e mais ricas experiências, verifica-se um grande florescimento, uma nova riqueza de observação humana e de criação literária.

Embora haja nestas observações do Sr. Nazarov muitos aspectos que se me afiguram certos, outros aspectos me parecem não levar em linha de conta valores humanos que ultrapassam a sua visão. Por outro lado, parece que a pergunta ficou sem resposta e que será muito difícil saltar a tal barreira.

Aproximadamente uma quarta parte dos escritores trabalha em sectores ligados à literatura e em editoras. Alguns no cinema e na televisão. Dois terços vivem exclusivamente da sua actividade como escritores.

Quanto a salários, existe uma lei de direitos autorais que fixa todos os salários. A poesia é paga à linha e a prosa por folha impressa de dezasseis páginas. O dramaturgo pelo número de espectadores.

O poeta recebe três rublos (90$00) por linha. Isto aumenta conforme a tiragem do livro. O prosador

recebe um mínimo de 300 rublos por folha que é igualmente aumentado de acordo com a tiragem.

Quanto aos dramaturgos recebem 4 % da receita bruta diária do teatro. Raras são as publicações. O teatro é para representar, dizem.

O trabalho do tradutor é pago por pouco menos que o do autor — 150 a 200 rublos por folha de dezasseis páginas.

Como já disse anteriormente, o trabalho do tradutor é muito importante. Publicam-se na União Soviética livros em mais de uma centena de línguas.

Em Leninegrado há uma escola de tradução — teórica e prática.

Entre os 400 escritores inscritos na União, em Leninegrado, 75 são cumulativamente escritores e tradutores. Só 20 são apenas tradutores.

Em relação às obras teatrais, como é evidente, as empresas podem recusá-las. De resto, há uma engrenagem interna — a empresa, o conselho de leitura, em última análise o encenador e os elementos da companhia. Mas as obras recusadas podem ser mandadas a uma comissão de reportório do Ministério da Cultura, em Moscovo, que as envia para os mais diversos pontos do país. Como existem quatrocentos mil teatros em território soviético, raras são as totalmente rejeitadas. Por isso, anualmente, são representadas cerca de duas mil novas peças de teatro.

★

Esta ansiedade de, num relativamente curto espaço de tempo, querermos ver, com objectividade, alguns dos mais importantes sectores da vida soviética, torna-se arrasante. E há, na maioria das vezes, um sabor de impotência por não ser possível demorar alguns dias, onde só nos podemos quedar escassas horas. Já em Moscovo, na rápida visita a museus, em especial à galeria Tetriakov, tivemos essa quase angústia. Mas o Hermitage é, sem qualquer sombra de exagero, um mundo infindável onde contactamos com o melhor que o homem criou, no campo das artes, em qualquer época. Já não falo dos ícones, da primitiva pintura russa, essa esparsa por igrejas, catedrais, mosteiros — visão maravilhosa que, só por si, justificaria uma visita à U.R.S.S.

Mas o Hermitage... 322 salas. Para o ver todo é preciso andar muitos e muitos quilómetros. Dois milhões de objectos expostos, além das próprias salas que, só por si, são como os seus ornamentos verdadeiras obras de arte. Há peças com 500 000 anos, da era paleolítica. O tesouro dos esquifes, das antigas tribos de pastores da região do Altai (século IV a.C.). A congelação permitiu conservar não só madeira e metais, mas restos humanos e de cavalos, vestuários, peles, feltros, tapetes. Um deles — o mais antigo do mundo — mede quatro

metros quadrados e assemelha-se aos mais belos dos persas. Escritos com 5000 anos. Além do tesouro dos Citas — peças de ouro que causariam inveja aos mais modernos — e de valor incalculável, vemos o tesouro dos czares. A par dele é insignificante o conjunto das jóias da Coroa inglesa. Símbolo de exploração e de injustiça que excede a imaginação mais alucinada. Verdadeira fábula.

Depois a Renascença italiana — estonteante colecção de Da Vinci, Rafael, Ticiano, Veronese, Tintoretto, Caravaggio. Arte espanhola — a segunda depois do Prado — Velasquez, Zurbaran, Ribera, Murillo.

E vêm os Rubens, Rambrandts. E Watteaus, Fragonnard, Delacroix, Corot, David, Courbet, Monet, Renoir, Sisley, Pissarro, Degas, Cezanne. A melhor colecção de Gauguin. E Picasso. No conjunto, entre o Hermitage e a galeria Tetriakov devem estar na U. R. S. S. as mais belas peças das fases «azul» e «rosa» do grande génio da pintura moderna. E Matisse. Duas grandes salas. Três horas, quando seriam necessárias três horas em trinta dias.

★

Nos arredores de Leninegrado situam-se as célebres estâncias de Verão (os Versailles da Rússia) — Pavlov, Petrodvoretz, Pushkine. Visitámos as duas últimas. Petrodvoretz, fundada por Pedro I, monumento à gló-

ria militar da Rússia, à saída para o Báltico. As fontes magníficas, o palácio, os jardins, os parques.

É domingo. Milhares e milhares de pessoas. A bicha para visitar o palácio é tão grande que nos seria impossível vê-lo se nos não dessem a preferência. Aí não há apenas a recordação do fausto, do luxo, da magnificência, hoje beleza para todos. Também algo de dramático e também de um justo orgulho para os soviéticos. Toda esta zona foi ocupada pelos nazis durante o cerco. A 30 quilómetros da cidade. Abriram portas nas pinturas murais, transformaram salões em cavalariças, destruíram quase tudo na retirada — partiram, violaram, incendiaram.

São passados menos de trinta anos. Tudo está reconstruído — reconstituído. Em cada sala está a fotografia da ruína em que ficou, após a passagem dos modernos vândalos. E contemplamos o esforço hercúleo de um povo, de centenas, de milhares de artistas e de estudiosos de toda a União Soviética.

E assim é Pushkine, Tsarskoi-Selo, residência de Catarina II, hoje casa de repouso e de cura para trabalhadores... Jardins paradisíacos. Árvores mandadas vir de todo o mundo.

Em Petrodvoretz estivemos alguns minutos sentados no parque, ouvindo ao longe o marulhar das águas, nas narinas o seu cheiro já salgado. Perto está uma fonte

cujo mecanismo foi estudado por um português — o açoriano Bettencourt.

Mas há o desejo de passear, de flanar, de ver gente, de estar, de demorar. E surgem as recordações românticas, sonhadas e vivas dos livros que fazem parte já da nossa vida real. Vimos a casa de Roskalnikov — o vão onde escondeu o machado, o sótão onde delirava com febre. Mais longe, a casa da velha usurária.

Também aquelas terras lembram Ana Karenina e o príncipe Muichkine e Nastásia Filipovna e Aglaé Ivanovna. E... é como que uma peregrinação ao nosso passado, ao mais fundo da nossa alma.

★

Entro num Palácio da Cultura — um dos muitos — grande, vastíssimo. Mal percorro metade. Apenas para ter uma ideia do que é. Creches, jardins de infância, cine-clubes, teatro, biblioteca, clubes de música, salas de convívio, de dança, clubes de xadrez, clubes técnicos e de cultura, a mais variada. Vejo os horários das actividades afixados num quadro — conferências, aulas, uma rectrospectiva do cinema americano dos anos 50 — sessões de cinemateca, ensaios de teatro, anúncio de um espectáculo por uma companhia profissional, ginástica, desportos.

Destina-se a operários.

Regresso ao hotel para jantar. Exausto. Grande multidão de raparigas faz um barulho ensurdecedor. Aguardam um baladeiro (será?) espanhol. Não conheço. Dentro do hotel, grande animação, mas diferente. A fronteira com a Finlândia está aberta no fim-de-semana — a travessia é livre. Como na Finlândia existe uma espécie de lei-seca, eles e elas vêm beber a Leninegrado. Alguns chegam no sábado, metem-se no quarto (com as garrafas) e só de lá saem no domingo à noite, para o regresso. Há muitas raparigas novas do mesmo estilo. É um espectáculo.

★

Consulto dezenas de folhas de papel onde fui sarrabiscando dados, números, impressões, imagens. Tenho que os decifrar. Depois, escolher o que me parece mais significativo. As vezes uma imagem fugidia e vaga pode ser muito importante. Decido-me por dois ou três aspectos mais concretos. Mais uma vez, um sobreleva todos os outros — a juventude. Infância e juventude. O que mais me apaixonou.

Um país que se sacrifica em benefício das crianças, dos jovens. Preparando o futuro. Diferentes? Já o afirmei. Os adolescentes, sim. A sensação de uma esplendorosa saúde física e moral. Ar livre, ginástica, desporto, desenvolvimento cultural. Saudáveis e limpos.

Puritanos? Talvez não seja esse o termo exacto. Mas se fosse, também não seria mau. Como reacção. Fiz muitas perguntas, algumas talvez indiscretas. Diziam «Puritanos? Que é isso? Não somos exibicionistas.» E referiam — com um bom sentido de humor — as cenas dos «hippys» ou pseudo-«hippys», no Verão, na Praça Vermelha.

Drogas? Nenhum problema. Claro que se o houvesse, teriam uma repressão a sério. Homossexualismo? Nada que constitua, como para o Ocidente, um problema muito grave. Literatura? Conhecem profundamente a russa, clássica e moderna. Muitos franceses e ingleses. Todos se referem a Sartre. E tudo o que há dos modernos americanos.

O filme que mais gostaram ùltimamente? «Easy Rider». Djamillia? Nem por isso. Rublov, sim. Um filme extraordinário.

Falam pouco de política (nos termos ocidentais). Nada do tom decadente, frustrado, descrente que por aí tanto abunda. Gostam de poesia, não querem ser românticos. E são. O que é bom. É evidente que por ter falado com uma dezena de jovens não posso generalizar. Mas é indiscutível a sua força e alegria de viver.

No liceu de Leninegrado, um dos nós perguntou à reitora se tinha muitos problemas com os contestatários. Jugo que não percebeu a pergunta. Pensou um pouco e foi de uma ingénua sinceridade: — Ah! Os ca-

belos compridos? Bem, quando exageram muito, peço-lhes e eles cortam um bocado.

Esse liceu era de língua espanhola. A segunda língua, aprendida e usada como a russa, durante os dez anos. Cada liceu tem uma língua, além do russo, que pode ser o francês, o alemão, o espanhol ou o inglês. Os dez anos, como disse, são obrigatórios e gratuitos. Ensino misto em todos os graus do ensino.

Muito boas instalações, apetrechamento moderno.

Assistimos a bocados de aulas dos vários anos, trocámos impressões com alunos e professores, o que foi extremamente facilitado por falarem o espanhol muito bem. Fazem-nos perguntas, oferecem-nos bilhetes postais, emblemas, flores.

Numa aula do último ano, uma rapariga e um rapaz falavam acerca do Chile, da sua cultura, tradições, economia, história, a experiência em curso do Dr. Allende. A rapariga já tinha passado umas férias em Cuba e conhecia o México.

O mestre era pouco mais velho e via-se que entre ele e os doze ou quinze alunos havia grande camaradagem e simpatia.

Cá fora como em toda a parte, correm, gritam, param para nos observar, cochicham, riem. Sim, nesta idade todos são parecidos.

A reitora fala-nos do ensino, da situação dos pro-

fessores. Notei que a grande maioria era de professoras e extremamente novas.

A idade da reforma é para as mulheres aos 55 anos e para os homens aos 65. Os reformados podem trabalhar quatro meses com o salário total (a acrescentar à reforma) e o ano inteiro com 50 por cento. Os considerados melhores trabalham o ano todo com o salário por inteiro. Se quiserem, é claro.

Um professor com 18 horas de aulas por semana ganha um mínimo de 100 rublos com mais 10 rublos pela correcção dos pontos e outros 10 pela direcção da classe. Com 27 horas semanais tem 250 rublos.

De 5 em 5 anos, têm um aumento de 10 por cento. Mas pelo actual plano quinquenal vão ter um aumento muito substancial.

No liceu há três grupos de teatro, um em espanhol e dois em russo.

Em Moscovo não me tinha sido possível ver, por falta de tempo, um palácio de pioneiros. Também não sabia bem do que se tratava. Um dia em Leninegrado, pedi a Vadim, que parecia já um companheiro de longa data, para ir ver um. Decidiu irmos imediatamente. Fui, portanto, sem qualquer aviso prévio. Naquela cidade há dezanove.

Anunciou-se à directora que nos recebeu logo a seguir, amabilíssima, prestando todas as informações e que, depois, nos mandou acompanhar a várias secções

do palácio. Não as vimos todas por impossibilidade de tempo.

Falei de palácio e é um palácio mesmo, a sério. Pertencia a uma princesa russa qualquer, ocupa uma área enorme e é luxuoso por dentro como o palácio de uma princesa. Grandes escadarias, salões, tudo alcatifado e rico. Mas é ocupado diàriamente por dez mil rapazes e raparigas que vão ali, depois de terminar as aulas nos seus liceus.

Finalidade? Detecção e desenvolvimento das vocações. Continuidade da educação e da preparação escolar.

Não há aulas. Existem 152 clubes. A direcção destes clubes pertence aos próprios alunos sob a fiscalização, a ajuda de um ou mais monitores.

Tem um grande campo de desportos, ginásios, praticam ali todas as modalidades desportivas. Há um teatro com 800 lugares e a municipalidade está presentemente a construir-lhes um outro com 2000. Salas de conferência, etc.

Costumam ir lá falar com os alunos, encontrar-se com eles, cientistas, escritores, poetas, cineastas e actores.

Cada clube é constituído pelos alunos que escolheram determinada zona de interesses dentro das artes, das ciências, da técnica em geral. Línguas, história, química, física, astronáutica, cosmonáutica, cinema, teatro, «ballet», televisão, fotografia, pintura, escultura,

música (todas as modalidades), electricidade, electrónica, etc.

Não há carteiras. Há grandes mesas modernas, cadeiras cómodas, estofadas e salas de trabalho para cada clube.

Visitei em especial as salas dos mais pequeninos. Fábulas pintadas nas grandes paredes e ali os miúdos mimam as histórias e brincam.

Depois vi o clube de cosmonáutica com toda a aparelhagem, a mais estranha, dos sputniks, da preparação para voos interplanetários, etc. O de televisão, equipado com tudo o que um estúdio moderno tem. Os próprios alunos me mostraram e deram indicações. Uma oficina mecânica equipada igualmente com tudo o que causa sempre a impressão de coisa de bruxaria. Um estúdio de fotografia e cinema. O clube de marinha. Este, além das salas próprias que vi, tem no Báltico um antigo barco de guerra que é inteiramente dirigido pelos rapazes e raparigas do clube.

No clube de electrónica, cheguei a duvidar que fosse de rapazes entre os 12 e os 18 anos.

Mas o que achei mais apaixonante foi o de Geologia e Mineralogia. Aí vi apenas as salas de estudo teórico, de discussão, e de exposição fotográfica das actividades durante os 25 anos deste clube, assim como dos minérios descobertos e estudados, alguns dos quais eram espécies ainda desconhecidas.

Noutra sala, havia trabalhos executados por eles

com os minérios descobertos. Os membros deste clube (rapazes e raparigas), dirigidos por duas jovens monitoras, verdadeiramente apaixonadas pela sua ciência e a sua actividade, passam dois ou três meses do ano nas regiões mais insólitas da União Soviética a fazer escavações, a estudar terras e minérios. Este ano, para festejar os 25 anos da constituição do clube, vão para Kamtchatka, no extremo norte da Sibéria.

O dirigente geral da secção de técnica levou-me a ver a exposição das obras completamente executadas por alunos e alunas. Julguei estar perante uma feira de indústrias. Aparelhos de televisão, máquinas electrónicas, computadores, brinquedos mecânicos, etc., etc.

O encontro e o desenvolver das vocações.

O facto de ter adoecido em Leninegrado permitiu-me contactar com a assistência médica da U. R. S. S. Não houve a menor preparação. Kopil Vadim acompanhou-me à policlínica mais próxima do hotel. Entrei, preenchi uma ficha onde disse que pretendia ser visto por um clínico geral. Instalações muito boas. Aguardei uns breves momentos e fui recebido no gabinete de uma das muitas médicas de serviço. Fui cuidadosamente examinado, e a senhora pediu-me para a acompanhar a outro andar, onde imediatamente me fizeram todas as análises necessárias a um diagnóstico. Depois, um electrocardiograma, o mais completo que já fiz, e a médica, com a maior amabilidade, enviou-me para um

colega — um neuropatologista. Novamente fui visto com o máximo cuidado. Disseram-me não ter nada de grave, entregaram-me o resultado das análises e do electrocardiograma. Apesar disso, disseram-me que se quisesse descansar uns dias numa clínica, o poderia fazer, sem qualquer encargo.

Quando o médico me entregou a receita, disse-me, com um ar de vaga desculpa, que teria de comprar os remédios numa farmácia. Se ficasse internado, tudo seria gratuito. Para os não internados, apenas são de graça os medicamentos para doenças cancerosas.

Na farmácia não vi, em centenas de remédios expostos, nenhum com preço superior a 30 kopeques.

Impressionou-me, não só o facto de tudo ser absolutamente gratuito, mas sobretudo a total ausência de formalismos, de burocracia. E não só. Instalações óptimas, serviços eficientíssimos e rápidos. Não foi para mim, um estrangeiro, até certo ponto um convidado oficial. É assim para toda a gente, o que pude verificar durante o tempo em que ali estive. Soube que toda a cidade está coberta por policlínicas como aquela e que toda a gente tem, quando necessita, uma assistência que se me afigurou exemplar.

★

Como toda a gente, tinha a noção da imensidade do território da União Soviética, uma noção teórica, de

mapa. Também nesta viagem não percorri senão uma parte mínima desse território, mas por estranho que pareça, só ali tomei uma verdadeira consciência dessa grandeza. Principalmente da espantosa transformação operada nos últimos cinquenta anos. Pelo que vi, pelas exposições, pelos dados fotográficos, estatísticos, pela propaganda turística, pelas conversas com muitas pessoas das Repúblicas federadas dos mais variados quadrantes.

Nem sequer aprofundara o problema das nacionalidades, o verdadeiro sentido da U. R. S. S. — União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Julgo ser essa uma das mais importantes realizações do nosso século.

Frequentemente, encontrava gente que dizia: — «Sou soviético da Ucrânia», ou da Arménia, ou da Estónia, e era evidente o apego a duas noções de pátria, sem uma chocar com a outra.

Há uma frase de Lenine que está na base da solução multinacional e multirracial da U. R. S. S. — «Ao mundo antigo, mundo de opressão nacional, de querelas nacionais ou de particularismo nacional, opomos a unidade dos homens de todas as nações, na qual nenhum privilégio, a mínima opressão do homem pelo homem pode ter lugar.»

Comemora-se este ano na U. R. S. S. o cinquentenário da União Soviética. Julgo importante transcrever os artigos fundamentais da Constituição.

Art. 123.º — «A igualdade de direitos dos cidadãos da U. R. S. S., sem distinção de nacionalidade ou de raça, em todos os domínios da vida económica, pública, cultural, social e política, é uma lei imprescritível.»

«Toda a restrição directa ou indirecta de direitos, ou, inversamente, todo o estabelecimento de privilégios directos ou indirectos para os cidadãos em razão da raça e da nacionalidade, assim como toda a propaganda de exclusivismo ou de ódio e de desprezo de ordem racial ou nacional, é punido por lei.»

A U. R. S. S. é formada por quinze repúblicas federadas, as quais englobam vinte repúblicas autónomas, oito regiões autónomas e dez departamentos nacionais.

Existem na União cento e quarenta e duas etnias. Cada uma usa a sua língua própria, desenvolve a sua cultura, as suas tradições, a sua arte com a maior e mais ampla liberdade.

Por outro lado, a economia planificada, permitiu que as nacionalidades, mantidas durante o czarismo num estado de permanente subdesenvolvimento, atingissem ràpidamente os mais altos expoentes do progresso económico, social, científico e técnico.

Na Sibéria Ocidental, por exemplo, a produção industrial foi multiplicada 862 vezes. Na Sibéria Oriental 242 e no Extremo Oriente 172.

O caso da República Socialista Soviética da Arménia, uma das quinze federadas, é concludente. Refiro-me

especialmente a esta porque um arménio que fez a viagem comigo para Paris, de comboio, me falou da sua terra com verdadeira paixão e me transmitiu nesse entusiasmo, o desejo muito grande de um dia a visitar.

Ao pensar na Arménia, lembrei-me de há uns meses ter lido um livro raro e verdadeiramente delicioso. Chama-se *Geographie par demandes et réponses, divisée par leçons, avc la liste de quelques cartes nécessaires aux commençants*. Foi publicado em Paris, em 1752. Ora, numa parte sobre «Principes generaux de l'ancienne geographie» diz:

«A Arménia, província considerável da Ásia, era limitada ao Sul pela Mesopotâmia e a Assíria, e mesmo cortada em alguns pontos pelos rios Eufrates, Tigre e Araxe. Esta província está ainda hoje na mesma posição.»

«Havia duas Arménias, a Arménia Maior e a Arménia Menor; a primeira era entre o rio Eufrates e o mar Cáspio, enquanto que a Arménia Menor se encontrava na foz do Eufrates. Alguns sábios pensam que o Paraíso Terrestre teria sido neste lugar como nós já dissemos.»

«As cidades principais da Arménia Menor eram Artaxate, que se crê ser hoje Erivan, e Triganogerte na nascente do Tigre.»

Erivan — Erevan — capital desta pequena grande República da Arménia — fundada 700 anos antes da nossa era.

A Arménia era um pobríssimo país com a área de 28 800 km². A população é hoje de 2,5 milhões de habitantes, composta por arménios, azerbadjaneses, russos, kurdos e outros vários povos. A capital tem cerca de 800 000 habitantes. Em 1920 tinha quatro cidades e a população era de 104 000 habitantes. Hoje tem sessenta cidades. Mas para o seu desenvolvimento a república recebeu o apoio técnico e material de outras repúblicas, especialmente do Azerbadjan e da Tartária que lhe forneciam o combustível, da Rússia o gás, da Sibéria e da ilha de Kola as madeiras, da Ucrânia e do Ouzbenquistão as máquinas agrícolas. Não existia uma única Universidade. E só raros privilegiados podiam mandar os filhos estudar para fora da sua terra. País subdesenvolvido em todos os aspectos.

Passados cinquenta anos, a situação é diferente. Hoje ocupa o primeiro lugar entre as repúblicas federadas na construção de máquinas e utensílios de grande precisão e o terceiro na produção de máquinas eléctricas. Produz também cobre, cautchou sintético, pneus, diamantes artificiais, grupos electrogénios, transformadores, automóveis, motores eléctricos, aparelhos electrónicos, calculadoras, vinhos, conhaques e conservas de frutos. Nos últimos cinco anos montou novas indústrias nos ramos automóvel, médico e biológico. Na agricultura produz tabaco, gerânios, trigo, legumes, frutos, carne, leite, ovos e lãs. Nos últimos anos cons-

truíram 50 canais de irrigação, 185 estações de bombagem, dezenas de lagos artificiais e transformaram em campos férteis 300 000 ha de terras áridas.

Têm 7600 agrónomos, zootécnicos, médicos veterinários e técnicos vários a trabalhar nos kolkhozes e sovkhozes. Dispõem, para a agricultura, de 9000 tractores, 9000 automóveis, 1700 debulhadoras, 11 000 motores eléctricos.

Estão a construir uma central atómica com a capacidade de produção de 800 000 Kw. Um terço dos habitantes têm casa própria e construída de novo.

90 000 rapazes e raparigas estudam em doze escolas superiores e 50 escolas técnicas.

Há 130 estabelecimentos de investigação científica, dos quais 100 estão ligados à Academia das Ciências da U. R. S. S. Trabalham ali 11 600 cientistas.

Na Arménia há 30 médicos para 10 000 habitantes, isto é, duas vezes mais que nos Estados Unidos.

Acrescentemos que 680 grandes empresas, todos os 476 kolkhozes e 290 sovkhozes têm clubes, bibliotecas e cinema. Publicam-se 100 jornais e revistas com uma tiragem global de 2,5 milhões de exemplares.

Mas o que digo da Arménia passa-se exactamente em relação ao Azerbadjan, aos Kirguizes, ao Ousbequistão ou a outra qualquer república.

★

Durante mais dois dias em Moscovo, já sem programa definido, pude passear pela cidade, visitar a Casa de Gorki e de Tchekov, aproximar-me bastante mais da população, observá-la melhor.

Punha a mim mesmo esta pergunta. — O homem altera-se profundamente? Existirá um novo Homem? É evidente que o homem que pode escolher a sua profissão, seguir a sua vocação tem de ser diferente. O homem que não tem de pensar no futuro, na sua segurança económica e dos filhos tem de ser diferente. Não ter de juntar os tostões diários para uma doença, uma incapacidade, modifica. Ter acesso à cultura, à arte, ao progresso, é importante e transformador. Não poder desenvolver as naturais tendências para obter uma supremacia, arrecadar, acumular, dominar é a base de uma radical transformação do homem. Dizem: será mais feliz? É óbvio que tudo isto torna o homem muito mais feliz.

Outras contradições surgirão? É evidente também. Processo constante de deterioração e de defesa.

Bàsicamente, o homem é, no entanto, profundamente igual, contraditório e insatisfeito. É a força dinâmica de todo o progresso — a garantia maior do seu futuro.

A transformação soviética é recente. Cinquenta anos é muito pouco, sobretudo se pensarmos no que era a

Rússia em 1917, no que foi a guerra civil, os sacrifícios das primeiras décadas o horror da destruição e morte da segunda guerra mundial.

Em certos aspectos, dentro dessa óptica, a evolução da União Soviética parece um conto das Mil e Uma Noites.

No dia em que houver uma liberdade maior e mais possível — dentro de quinze ou vinte anos — quando o receio da guerra não obscurecer com a sua sombra negra o horizonte dos dirigentes e do povo russo, quando os seus totais recursos forem postos ao serviço do bem-estar, cada vez maior, do povo soviético, então, parece inegável que nenhum povo do mundo terá tanta possibilidade como ele de se aproximar de qualquer coisa a que podemos chamar Felicidade.

★

Como homem ligado, em certa medida, aos problemas específicos do teatro, esperava, nesse campo, obter vários contactos, assistir a espectáculos. Não vi um único. A época teatral começava em fim de Setembro, dias depois do meu regresso.

Actores, encenadores, estavam de férias. Como crente, fui em romagem ao Teatro de Arte, embebi sôfregamente a vista nas fotografias das peças da minha adoração — A Gaivota, As Três Irmãs, O Cerejal, O Bas-Fond. Visitei o museu Stanislavski e fui relem-

brando o que mais me apaixonara. Mas tive de ficar apenas com a gula. Nada vi.

O Sr. Koblikov proporcionou-nos, apesar disso, um encontro com o Sr. Boiadgien, professor no Conservatório de Moscovo, uma das personalidades que há dois ou três anos visitaram o nosso país.

Não interessa, nestas breves notas, espraiar-me acerca do panorama actual do teatro na U. R. S. S. Embora a maioria dos teatros existentes sejam realistas, fazem-se na Rússia as experiências mais recentes, incluindo Grotowski. Nesse campo, o mais célebre é o *Teatro Taganka,* destinado principalmente a jovens. Normalmente, adquirem-se os bilhetes de acesso com dois e três meses de antecedência. De resto, segundo me disseram, a compra de bilhetes é sempre difícil para qualquer espectáculo.

O encenador Artur Lobinov — do Taganka — é um dos mais considerados da moderna geração. Segue uma linha que é o encontro de Artaud, Brecht e Stanislawski.

Um crítico americano que lá conheci, embora americano um homem excepcionalmente culto e apaixonado de teatro, conhecedor do melhor que se tem feito em todo o mundo, disse-me que duas realizações teatrais do Taganka eram, de longe, o melhor que sempre tinha visto — «A Mãe» de Gorki — e «Os dez dias que aba-

laram o mundo» — baseado na obra de John Reed sobre a revolução de Outubro.

Poucos dias depois do meu regresso, estreou-se ali um espectáculo — «Sátira aos Estados Unidos» — erguido sobre um texto de Ievtuchenko.

Em Moscovo existem dois teatros para crianças e um de ópera também para jovens.

Quanto ao teatro amador, parece que bate de longe a situação inglesa. Segundo me dizem, não há pràticamente um Kolkhoze, um Sovkhoze, uma grande fábrica, uma escola, de qualquer escalão, onde não haja um grupo de teatro. Os palácios de pioneiros e os palácios de cultura têm um e mais agrupamentos.

A profissão de actor, além de ser das mais respeitadas, é também das mais bem pagas. Não obtive números, mas sei que atingem os padrões mais elevados.

É claro que se o teatro é a sério, a profissão também se exerce da mesma forma.

★

Pedi, no que fui imeditamente atendido, aliás como sempre, para regressar a Paris de comboio. Uma forma de repouso (para mim) e também o prazer de ver outras terras, paisagens diferentes, contactar com gente desconhecida.

Uma viagem de quarenta e duas horas num excelente compartimento-cama, atendido por pessoal extre-

mamente atencioso e com um bom restaurante. O trajecto faz-se por Smolensko, Minsk, Brest, Varsóvia, Berlim Oriental, Alemanha Ocidental, Bélgica e França.

Infelizmente, a travessia da Bielorrússia faz-se durante a noite, o que me impediu de ver o aspecto de uma das regiões mais martirizadas na última guerra mundial e que hoje atingiu já um dos mais altos níveis económicos da U. R. S. S.

Os nazis prepararam um plano de autêntico genocídio da população desta república. Se não atingiram completamente o seu objectivo — matar 80 por cento da população — eliminaram mais de 30 por cento e destruíram pràticamente tudo o que significava um esforço hercúleo daquele povo.

Talvez por isso e por tudo o mais que sofreram, os soviéticos ainda não esqueceram o horror da guerra e tudo fazem para a evitar. Para eles, o espectro de uma nova guerra está sempre presente.

E se há alguma faceta evidente na U. R. S. S. é a sua inclinação pacífica. Apesar do seu poderio militar, não se pressente o menor indício de belicismo, nem dos seus paralelos — xenofobia e racismo.

★

De manhã, na fronteira de Brest, assisti a um espectáculo que, indirectamente, está relacionado connosco. As linhas de caminho de ferro da Península Ibérica e da

U. R. S. S. têm mais uns centímetros de largura que as dos outros países europeus. Isso deve-se ao facto de ter sido o engenheiro português António Bettencourt, açoreano de nascimento, quem projectou as linhas de ferro russas.

Daqui o não passarem os comboios de França para Espanha e os inevitáveis incómodos do transbordo.

Na U. R. S. S. escolheu-se outro sistema que é mais prático e não deixa de ser um divertimento para os passageiros.

Os comboios chegam, entram numa espécie de hangar e os vagões são separados uns dos outros. Depois, quatro macacos hidráulicos, colocados nos quatro topos de cada vagão, içam-nos lentamente, separados do rodado. Este é afastado e substituído por um outro com as dimensões das novas linhas. Os vagões baixam, um rápido aperto e segue-se viagem.

Vinte e tal vagões e a máquina — pouco mais de uma hora de manobras, sem o mínimo aborrecimento para os viajantes.

Com esta visão me afasto da União Soviética.

Este livro
acabou de se imprimir
em 2 de Abril de 1973
nas oficinas de
GUIDE — Artes Gráficas, Lda.
para a
PRELO
Lisboa